

**CIRCULO DE ESTUDIOS  
SOONTS**

★ ★ ★





CÍRCULO DE ESTUDOS  
REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES  
NOVA FASE — nº 3 — Dezembro 1989

SUMÁRIO

LEOPOLDO SCHERNER	
— Algumas considerações talvez não originais sobre Machado de Assis Cento e cinqüent'anos de seu nascimento .....	5
JOSÉ PENALVA	
— Lacordaire e a existência histórica de Jesus .....	11
MÁRIO MONTANHA TEIXEIRA	
— Tasso da Silveira .....	29
ANTÔNIO GARCIA	
— Frei Raimundo Vier. ....	35
NÉLSON DE LUCA	
— Considerações sobre o brasão do Círculo de Estudos Bandeirantes ..	41
NEWTON STADLER DE SOUZA	
— Considerações sobre a Colônia Cecília .....	45
Ata da Fundação do Círculo de Estudos Bandeirantes - CEB .....	59
Relação de Sócios do Círculo de Estudos Bandeirantes .....	61
Alguns dos Assuntos tratados pelo CEB durante seus dois primeiros anos de atividades .....	63
Legião da boa imprensa do Paraná .....	65
Breves dados biográficos de Mons. Luís Gonzaga Miele .....	67
Finis coronat opus .....	71
Do Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes .....	77
Noticiário .....	79

Responsáveis pela publicação:

Euro Brandão  
Sebastião Antônio Ferrarini  
Leopoldo Scherner  
Sebastião Ferrarini

**CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES**  
Fundado aos 12 de setembro de 1929

Reconhecido de Utilidade Pública pelo Decreto Federal nº 31144, de 11 de outubro de 1938.

Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Estadual nº 8879, de 06 de outubro de 1988.

Órgão Cultural vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Rua XV de Novembro, 1050, CEP 80.060 - Curitiba, Paraná, Brasil.

**DIRETORIA ELEITA AOS 22 DE MAIO DE 1987**

Presidente: Euro Brandão

Vice-Presidente: Mário Montanha Teixeira

Primeiro Secretário: Ireneu Martim (1)

Segundo Secretário: Sebastião Ferrarini

Primeiro Tesoureiro: Carlos Franco Ferreira da Costa

Segundo Tesoureiro: Clemente Ivo Juliatto

Diretor Sócio-Cultural: Newton Stadler de Souza

**Coordenadores de seções**

Estudos Paranaenses: Jayme Ferreira Bueno (2)

Estudos Brasileiros: Antônio Celso Mendes

Estudos Portugueses: Leopoldo Scherner

Estudos Religiosos: Dom Frederico Helmel

Estudos Antropológicos: Maria Cecília Solheid da Costa

Estudos Filosóficos: Domenico Costella

Estudos Filológicos: Rosário Farâni Mansur Guérios

- (1) - Por motivo de viagem de estudos na Europa, o Prof. Ireneu Martim foi substituído pelo Prof. Sebastião Antônio Ferrarini, designado pela SPC.
- (2) - Por motivo da morte do Dr. Rosário Farâni Mansur Guérios, o Conselho Diretor do CEB designou o Prof. Jayme Ferreira Bueno Coordenador da Seção de Estudos Filológicos (Ata de 22/08/89).
- (3) - Estando vago o cargo, o Conselho Diretor do CEB designou o Sócio Dr. Edvino Tempski para Coordenar a Seção de Estudos Paranaenses (Ata de 22/08/89).

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TALVEZ NÃO ORIGINAIS SOBRE  
MACHADO DE ASSIS**

**CENTO E CINQUÊNT'ANOS DE SEU NASCIMENTO**

Leopoldo Scherner \*

Não originais, porque Machado de Assis, vivo e morto, já foi tantas vezes visto e re+visto, estudado e re+estudado em prosa e verso artigos teses e livros, que, embora assunto inexgotável, não sou eu que vou, aqui, des+cobrir e apresentar novidades: fico satisfeito, re+lembrando e re+des+cobrimo o que já lembrado e des+coberto foi.

Há escritores — poetas, romancistas, contistas, cronistas, críticos — de valor permanente, até perene, para pessoas maduras e idosas. Há escritores — . . . . . — de valor permanente, até perene, para pessoas jovens. E há escritores — . . . . . — sempre lidos e apreciados e valorizados por pessoas idosas e pessoas jovens. Machado de Assis é um escritor deste último tipo — . . . . . —, portanto acima da moda e modismos, superior a paixões levianas, que traz em si a essência e o essencial, o cerne, o curtido, o brônzeo, o marmóreo, tudo temperado na dose certa, com razão e sentimentos. Sem jamais deixar de ser ousado e avançado.

A Machado de Assis pertence o mesmo privilégio que pertence a Camões (1525 - 1580): a atualidade, a modernidade. De Camões, por

\* Professor de Língua e Literatura Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

exemplo, são frases como estas: "Semearei em vós lembranças tristes, / Regarido-vos com lágrimas saudosas, / E nascerão saudades de meu bem." "Que quanto mais vos pago, mais vos devo." "Amor é fogo." "Com quem diz que já não pode ser." Este discurso de Camões não é bem nosso, dos nossos dias e bem brasileiro?

Igual qualidade, melhor, privilégio, encontra-se em Machado de Assis, distante daquele, no tempo, mais ou menos 300 anos. Quanto a nós, aquele, 400 anos; este, quase 100.

A Língua Portuguesa empregada por Machado de Assis é, perfeita mente, lusa e, perfeita mente, brasileira. Sem cair no extremismo, por exemplo, de um José de Alencar, explicável pelo Romantismo — "Vamos ser nós mesmos." — e pela necessidade de impor a independência brasileira não só política, mas também lingüística, Machado de Assis concilia o luso com o brasileiro, mantendo a expressão lusa sem ferir a brasileira, adotando a expressão brasileira sem ferir a lusa, dentro do rigor próprio de quem sabe como escrever, reconhecendo a evolução legítima d'aquém e d'além-mar, este mar que une, não separa, duas pátrias irmãs.

Machado de Assis, como são os poetas, que de profeta muita coisa têm, adiantou-se, surpreendente mente, original mente, aos meios de expressão de hoje. Veja, por exemplo, este capítulo do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

" O velho diálogo de Adão e Eva  
Brás Cubas  
. . . . ?  
Virgília  
. . . .  
Brás Cubas  
. . . .  
Virgília  
!  
Brás Cubas  
Virgília  
. . . .  
?  
. . . .  
Brás Cubas  
. . . .  
Virgília  
. . . .

Brás Cubas  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . ! . . .  
. . . . ! . . . . .  
. . . . .  
Virgília  
. . . . . ?  
Brás Cubas  
. . . . !  
Virgília  
. . . . ! "

Já viu diálogo mais original? Literatura sem palavras.  
E veja agora o que aí vai de concretismo:

"Eu deixava-me estar no canto da mesa, a escrever desvairadamente num pedaço de papel, com uma ponta de lápis; traçava uma palavra, uma frase, um verso, um nariz, um triângulo, e repetia-os muitas vezes, sem ordem, ao acaso, assim:

arma virumque cano  
A  
Arma virumque cano  
arma virumque cano  
arma virumque  
arma virumque cano  
virumque

Maquinalmente tudo isto; e, não obstante, havia certa lógica, certa dedução; por exemplo, foi o *virumque* que me fez chegar ao nome do próprio poeta, por causa da primeira sílaba; ia a escrever *virumque* — e sai-me *Virgílio*, então continuei:

Vir  
Virgílio  
Virgílio  
Virgílio  
Virgílio Virgílio  
Virgílio Virgílio  
Virgílio." Virgílio.

E veja mais e analise e conclua:

"De como não fui ministro d'Estado  
.....  
.....  
....."

Este foi todo um capítulo, como é o seguinte:

"Inutilidade

Mas, ou muito me engano, ou acabo de  
escrever um capítulo inútil."

E, ainda,

"CAPÍTULO CXXV

Epitáfio

—  
AQUI JAZ

D. EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO

MORTA

AOS DEZENOVE ANOS DE IDADE

ORAI POR ELA !"

As citações acima foram extraídas do *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado, pela primeira vez, em 1880, há exatos 109 anos, e, ainda hoje, tão escandalosa mente original.

Eça de Queirós, contemporâneo de Machado de Assis, por esta altura, havia publicado *O Crime do Padre Amaro* - 1876, *O Primo Basílio* - 1878, aparecendo *O Mandarim* no mesmo ano em que apareceu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* - 1880, aquele, sem o mínimo da originalidade e ousadia deste; nem, muitíssimo menos, pode-se nele discernir a antecipação dos processos atuais de escritura.

Outro procedimento, embora não habitual, de Machado de Assis: a obra aberta, preconizada por Umberto Eco: Capitu, de "olhos de rêsaca" ou de olhos "de cigana oblíqua e dissimulada", casada com Bentinho, trai ou não trai o marido com Escobar? A solução, se é que existe, o leitor que a encontre.

Não me esqueço das palavras de Alceu Amoroso Lima — Tristão de Ataíde —, numa de suas aulas de Literatura Portuguesa, na saudosa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil:

"Machado de Assis é o maior escritor brasileiro."

Círculo vicioso

Machado de Assis

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:

— "Quem me dera que fosse aquela loura estrela,  
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"  
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

— "Pudesse eu copiar o transparente lume,  
Que, da grega coluna à gótica janela,  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!"  
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

— "Miserai tivesse eu aquela enorme, aquela  
Claridade imortal, que toda a luz resume!"  
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— "Pesa-me esta brilhante auréola de nune...  
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...  
Por que não nasci eu um simples vagalume?"

**Dados biográficos de Machado de Assis, de seu nome completo  
Joaquim Maria Machado de Assis**

Nasceu aos 21 de junho de 1839, na Quinta do Livramento, no Morro do Livramento, centro do Rio de Janeiro, próximo da Praça Mauá. O pai era pintor e dourador, mulato, filho de escravos forros; chamava-se Francisco de Assis; de alguma instrução. A mãe, lavadeira, portuguesa da Ilha de São Miguel, uma das nove do Arquipélago dos Açores; chamava-se Maria Leopoldina.

Em menino, para receber alguns trocados, foi coroinha na igreja da Lampadosa, perto da Praça Tiradentes.

Começou, escrevendo poesia, aos 16 anos, muito romântico.

Teve os seguintes empregos: caixeiro numa papelaria (3 dias apenas), vendedor de doces em colégios, coroinha, já mencionado, tipógrafo, revisor, jornalista, funcionário público, onde chegou a ocupar cargos de grande responsabilidade.

Aos 29 anos, por decreto imperial, recebeu a Comenda da Ordem da Rosa.

Em 1869, casou-se com D. Carolina Novais, portuguesa, cinco anos mais velha do que ele. D. Carolina, mulher culta, orientou Machado de Assis em suas leituras, principalmente o fez ler os clássicos portugueses. Faleceu quatro anos antes de Machado de Assis: 1904.

Casamento perfeito, muito feliz. O casal não teve filhos.

Machado de Assis era de estatura pequena, epilético, gago, tímido, atencioso, prestativo, querido, modesto, compreensivo, sem vaidades.

Nunca saiu da cidade do Rio de Janeiro. Chegou, somente, a ir a Nova Friburgo, à procura de algum descanso, por breve tempo: 3 meses.

Em seus romances, mostrou-se muito autobiográfico. Foi grande observador, de delicadas sondagens psicológicas; retratou as manhas e a alma do ser humano; minucioso analista, escreveu com humor e ironia sutis. Estilo essencial, substantivo, sem adjetivos óbvios. Vivo, arguto, mordaz, crítico, irônico, não poupou nem a sociedade, nem o governo. Escritor de trabalho artesanal; estilo simples, límpido, exato.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, instalada em 1897; eleito o seu primeiro presidente, o foi até morrer.

Morreu em 1908, sem querer receber o conforto espiritual da Religião, como alguém lhe sugeriu. Nunca fora religioso e considerou incoerente receber os sacramentos, na hora da morte.

#### A obra de Machado de Assis

- I. Romance: *Ressurreição, A Mão e a Luva, Helena, Iaiá Garcia, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó, Memorial de Aires.*
- II. Conto: *Contos Fluminenses, Histórias da Meia-Noite, Papéis Avulsos, Histórias sem Data, Várias Histórias, Páginas Recolhidas, Relíquias da Casa Velha, Outros Contos.*
- III. Teatro: *Tu, Só Tu, Puro Amor, Não Consultes Médico, Lição de Botânica.*
- IV. Poesia: *Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais.*
- V. Crônica: *Histórias de Quinze Dias, Notas Semanais, Balas de Estalo, Bons-Dias!, A Semana.*
- VI. Crítica: *Instituto de Nacionalidade, A Nova Geração, Carta ao Bispo do Rio de Janeiro, Outros Artigos, O Ideal do Crítico, Gonçalves Dias, O Primo Basílio, O Teatro de Alencar, O Teatro de Macedo, Outras Críticas Literárias e Teatrais.*
- VII. Epistolário: *Cartas Escolhidas.*

## LACORDAIRE E A EXISTÊNCIA HISTÓRICA DE JESUS

José Penalva \*

Confirmação incômoda de que o "non sense" teima em comprometer nossa cultura, o lançamento do filme de Martin Scorsese ensejou aos comunicadores tecerem inconsideradas disquisições religiosas, chegando-se à irresponsabilidade de levantar dúvidas em relação à existência histórica de Jesus ou mesmo negá-la.

Embora Bultmann tenha razão em dizer que "a dúvida sobre a existência real de Jesus carece de fundamento e não merece uma só palavra de réplica (1), não escondo que tal leviandade me incomodou pensando na devastadora influência de guias cegos que, sob circunspetas aparências de cultura, inoculam em desavisados o veneno de suspeitas improcedentes. "Não se sabe se Cristo existiu", pontifica o jornalista... "Sabe-se que a figura de Jesus Cristo tira sua consistência da fé das pessoas e não dos registros históricos", ecoa outro importante órgão da imprensa (2).

Nesta angústia, imprevistamente caiu-me às mãos um belíssimo sermão de Lacordaire sobre o tema em questão. O encanto e brilho literários, a acuidade do pensamento, o delicado e ardoroso amor a Jesus-Cristo levaram-me a esquecer um pouco deste mundo "positus in maligno"... Compartilharei com vocês as emoções destes dias ante

\* Professor de Introdução à Teologia e de Teologia Fundamental no *Studium Theologicum*, Curitiba

as páginas amarelécidas de quase século e meio atrás, acreditando aceitarem escusas por descarnar a obra-prima do grande orador transformando-a em árida tese intelectual. Aliás, vezo de professor que tantas iras despertava em Kierkegaard.

Após a exposição da tese, tentaremos algumas aproximações que me parecem interessantes.

## 1

### Tese de Lacordaire

Em dois pontos apóia Lacordaire o seu pensamento, as condições da História e o fato de tais condições se verificarem no que se refere à existência de Jesus.

#### 1.1 Condições da História.

Para que haja História impõem-se três condições, "escritura pública", "fatos públicos" e coordenação no "enredo público" dos acontecimentos do mundo: "unidos os três elementos, podemos afirmar que há História e que a eles resistir seria resistir à força do senso comum" (3).

##### 1.1.1 Escritura pública.

Escritura secreta e misteriosa nada significa para a História por lhe faltar condição essencial, a possibilidade de controle. Escritura pública é, precisamente, escritura controlada, se possível, "por todos" ou ainda pelo "povo" que, na concepção de Lacordaire, é constituído pela "reunião de todas as idades, de todos os pensamentos, de todos os interesses". Este povo, exatamente porque "dominado por muitas idéias e agitado por muitas paixões", jamais se entenderia apenas "com o fito de enganar os séculos futuros"; inconcebível seria o espetáculo de "uma conjura popular a fim de mentir à posteridade". Por isso, o povo é o único notário capacitado para certificar sua própria história". Mais. O povo "não está só: ele vive em meio a outros povos contemporâneos cuja história se mescla com a sua" e seria impossível uma mentira unânime sem que se levantassem protestos por parte "daqueles sob cujos olhares se teria iniciado o complô" (4).

##### 1.1.2 Fatos públicos.

Apesar de chamar a história de "memória do mundo" (5), Lacordaire acaba por distinguir *história* de *memória*: aquela seria arquite-

tura, esta, detalhes; aquela é atestada por numerosas pessoas, esta, por poucas; aquela goza de certeza absoluta, esta, de alguma sanção inferior; ambas se entrelaçam no final para comporem os anais do gênero humano. Se fatos públicos dos quais haja testemunhos numerosos e concordantes fazem a grande história que se nos impõe "por sua força e brilho", a memória de poucas pessoas nos encanta por nos aproximar, muitas vezes, de personagens extraordinários do passado" (6).

#### 1.1.3 Enredo público.

A história exige controle das pessoas e, por isso, escritura e fatos públicos. Há, entretanto, um controle mais preciso que provém da própria trama em que os fatos estão inseridos. "Não há acontecimentos desarticulados", pois seu encadeamento se desenvolve dentro de uma lógica análoga à das idéias em seu discurso mental. "Sinal infalível de impostura" será a impossibilidade de situarmos um acontecimento "na trama geral da história sem lhe perturbar a economia". A força da história, como a força de toda ordem real, reside na conjunção, no vínculo que a estrutura. Aqui também se descobrem dois graus: fatos que se coordenam com "outros fatos" e fatos que se coordenam "com todos os outros fatos", indispensáveis à compreensão da trama de toda a história a tal ponto que esta deverá ser afirmada ou negada segundo os aceitarmos ou negarmos (7).

A impostura, nestas condições, é impossível "não apenas moral, mas também metafísica e absolutamente", pois "é impossível enganar o gênero humano sobre sua vida por toda parte e sempre — "partout et toujours" — e conseguir dele que minta para si mesmo sem finalidade e contra toda razão" (8). Mais. Com o passar do tempo, os verdadeiros fatos históricos progressivamente se confirmarão, uma vez que, "a cada passo, cresce a teia da história e, a cada momento, mais e mais se integram na força solidária do todo pela sempre mais ampla repercussão de uns sobre outros" (9).

A partir destas consistentes premissas, propõe-se o orador três quesitos que lhe proporcionarão a chave do problema que deseja equacionar: Há escritura pública sobre a vida de Jesus? Forma ela um tecido de acontecimentos públicos? Insere-se na trama geral da história?

#### 1.2 Jesus pertence à história.

##### 1.2.1 Há escritura pública sobre a vida de Jesus.

A exigência de escritura pública para a história obedece à necessidade de seu controle, como vimos. A narrativa pública de aconteci-

mentos, precisamente porque pública, se coloca face ao "povo", que pode desmenti-la ou confirmá-la.

"Ora, a vida de Jesus", diz Lacordaire, "está contida nos evangelhos, e os evangelhos constituem uma escritura pública..., porque pertencem a uma sociedade doutrinária pública" (10).

Sua argumentação — que pretende desenvolver "avec la dernière rigueur" — inicia-se por visualizar Atos I, 22-24, onde os apóstolos surgem nas praças públicas ou são arrastados aos tribunais e, mesmo assim, proclamam a sua verdade. Era o início da atividade pública da sociedade dos cristãos.

A partir desse momento, eles se multiplicam à vista de todos, e suas atividades e suas pregações puderam ser controladas como o atestam muitos testemunhos fidedignos e a análise da própria história.

Lacordaire lembra em primeiro lugar o historiador Tácito em seus "Annales" (115-117 DC.). Ao tratar do incêndio que irrompeu em Roma no ano de 64, afirma ter Nero responsabilizado os cristãos que constituíam "uma imensa multidão de homens". A eles "o povo chamava de cristãos. O autor desse nome era Cristo que, sob o reino de Tibério, tinha sido condenado à morte pelo Procurador Pôncio Pilatos... Esta detestável superstição, por um momento reprimida, irrompia novamente não apenas na Judéia, origem deste mal, mas também na cidade de Roma" (11).

O orador não se contém ante a beleza deste testemunho: "... vós ouvireis o símbolo dos Apóstolos sob a pena e com a tinta de Tácito... é Tácito que fala ou é o símbolo dos Apóstolos? O símbolo dos Apóstolos diz: Que padeceu sob Pôncio Pilatos; Tácito diz: Que foi supliciado pelo procurador Pôncio Pilatos... E que dizia ele dos cristãos...? ... vinte e sete anos após a morte de Jesus-Cristo, os cristãos formavam em Roma uma imensa multidão e eram conhecidos do povo pelo seu verdadeiro nome; mesmo antes dessa época, eles já tinham sido reprimidos pela autoridade pública, mas essa repressão não impedira de se propagarem com tal potência que Tácito chama de irrupção; eles compareciam ante os tribunais e davam testemunho de sua fé... Tácito sabia tudo isto; e estava ao corrente da vida de Jesus-Cristo; e conhecia Pôncio Pilatos; e o drama do Calvário" (12).

Lacordaire encontra ainda em Plínio, o Jovem, uma qualificada testemunha sobre a vida dos primeiros cristãos. Ele era procônsul da Bitínia e do Ponto e, lá pelos anos 112, escreve ao imperador Trajano solicitando-lhe instruções sobre o modo de julgar os cristãos, que ele afirma constituírem "um grande número de pessoas de toda idade, posição e sexo... que tinham inundado com esta contagiosa superstição não somente as vilas, mas os burgos e as campanhas... os templos pagãos desolados, e as cerimônias sagradas por muito tempo interrom-

pidas agora começam a reanimar-se graças às perseguições movidas contra os cristãos" (13).

O testemunho de Plínio, o Jovem, "junto com o de Tácito, não deixam dúvida alguma a respeito do ponto capital que nos preocupa, a saber: que, desde a origem do cristianismo, os cristãos viviam em uma sociedade constituída publicamente. E, por outra parte, o resultado mesmo que alcançaram no curto espaço de três séculos o demonstra superabundantemente. No fim de três séculos os cidadãos se transformaram em senhores do império e levaram ao trono o primeiro César que abraçou a fé" (14).

Mais. Como sociedade doutrinária pública, o cristianismo nunca escondeu os seus escritos, os Evangelhos. E, mesmo em meio ao ardor da mais áspera polêmica, eles nunca foram negados em suas bases históricas. Tem razão Lacordaire ao afirmar que os pagãos Celso (fim do II séc.) e Porfírio (fim do III séc.), ainda que interpretem os evangelhos à luz dos princípios racionalistas, nunca os negaram, seguindo, também eles, "passo a passo, sobre os Evangelhos, os caminhos do Salvador". E mesmo nos evangelhos apócrifos que provinham dos hereges, "os principais mistérios de sua vida (de Jesus) e de sua morte eram reconhecidos"; a própria "alteração de certas passagens representava uma confirmação ainda maior da verdade do conjunto" (15).

### 1.2.2 A vida de Jesus forma um tecido de acontecimentos públicos.

Sem se demorar, o orador acentua apenas que o Jesus que os cristãos pregavam em meio a tanta polêmica não tinha sido um filósofo discreto a ensinar sob pórticos e jardins. Em público ele questionava costumes, leis, tradições, sentimentos, interesses os mais sagrados, sempre acompanhado de multidões, realizando prodígios, sendo condenado pelos tribunais, ressuscitando e despertando a fé em incontáveis multidões. "Se jamais tivesse havido acontecimento público — termina — este certamente o seria" (16).

### 1.2.3 A vida de Jesus está inserida na trama da história.

Não é sem susto que inicio este parágrafo. Sinto vertigens ante a ousadia de Lacordaire de nos rasgar ante os olhos uma perspectiva de 32.000 anos, "de Moisés a Pio IX"... É nessa perspectiva que se entrelaça a história dos cristãos a ponto de a grande história do mundo se tornar inexplicável sem aquela. E desafia: "Experimentai, seguindo a linha dos monumentos, de passar do mundo antigo ao mundo novo e explicar, sem Jesus-Cristo, como o Papa veio a substituir os Césares



no Vaticano" (17).

Se a história dos cristãos, que tantas transformações trouxe para o mundo, está inserida na grande história, importa perguntar pelas explicações, pois "na história, como na matemática" é um dever inquirir pelas causas dos acontecimentos. "Onde está a causa histórica que fez do mundo idolátrico o mundo cristão que deu Carlos Magno por sucessor de Nero? Vós sois obrigados a conhecê-la, ou, pelo menos, a procurá-la". Nós, os cristãos, colocamos esta causa na "aparição sobre a terra de um homem que se diz Filho de Deus, enviado para apagar os pecados do mundo; que pregou a humildade, a pureza, a penitência, a doçura, a paz; que viveu piedosamente com os pequenos e simples; que morreu na cruz, os braços estendidos sobre nós todos para nos abençoar; que nos deixou no Evangelho sua palavra e seu exemplo... na história... todo bem como todo mal parte sempre de um princípio uno, de um homem depositário da força escondida do demônio ou da força invisível de Deus. Isto queremos afirmar e apoiamos nossa palavra em monumentos ininterruptos que começam em Moisés para chegar até nós; nós apelamos para uma publicidade de 32 séculos; entre eles nós ligamos o povo judeu, Jesus-Cristo, a Igreja...". Aqui Lacordaire se corrige significativamente: "... nós não os ligamos entre si, eles se apresentam a nós estreitamente encadeados em uma seqüência de coisas que se sustentam umas às outras: nós apelamos, enfim, a toda trama da história e, em nome desta trama imensa, que é absolutamente necessário admitir e explicar, nós vos dizemos: Jesus-Cristo é a palavra suprema da história, sua chave e revelação" (18). E encerrando o parágrafo: "Assim, Senhores, antes de nossa era, ninguém havia ousado negar a realidade histórica de Jesus-Cristo. Antes de vós, bem antes de vós, Jesus-Cristo teve inimigos... O orgulho, a voluptuosidade, o egoísmo, então como hoje, tinham a seu serviço homens de espírito, Celso, Porfírio, toda a escola dos Alexandrinos, pessoas felizes que amavam a vida e os cortesãos sempre dispostos a ver na verdade um secreto inimigo do poder. Que diziam eles do Cristo? Eles perseguiram os seus com suplícios, riram-se de sua vida, discutiram seus dogmas..., mas nenhum deles negou a realidade da vida de Jesus-Cristo" (19).

A esta altura Lacordaire responde à objeção de suposto interlocutor apontando dois testemunhos em confirmação da interpretação cristã da história: o testemunho dos mártires que derramaram seu sangue pelo Cristo e o testemunho do povo judeu.

"... por três séculos foi-nos perguntado quem éramos nós. E dissemos: somos cristãos. Ao que se nos respondeu: Blasfemai o nome de Cristo. E nós: Nós somos cristãos. E fomos mortos por isso... nosso último suspiro exalava o nome de Jesus. Não morreremos por opiniões, mas por fatos, o nome mesmo de mártires o demonstra; e Pascal diz

excelentemente: 'Eu creio em testemunhas que se deixam matar' "(20).

Na evocação do povo de Deus a pena de Lacordaire se doira das galas mais ricas de sua eloquência. Para compreendê-la, entretanto, importa lembrar que Israel se reconstituiu como nação territorialmente definida apenas em nossos dias. Vejamos: "Dizei-me, qual é o povo antigo do mundo, o mais célebre, à vossa escolha, que deixou guardiães junto de sua tumba, a fim de guardar sua história? Onde estão os sobreviventes dos Assírios, dos Medos, dos Gregos, dos Romanos?" Que povo "presta testemunho de sua vida? Um só povo, o povo judeu... relíquia do mundo antigo no mundo novo... Deus nos conservou este irrepreensível testemunho. Contemplai-o!" E, numa bela sugestão, vê os dois povos, o cristão e o israelita, ao lado de Cristo: "Há dois testemunhos... Olhai-os! Olhai à direita e à esquerda de Cristo"; cristãos e israelitas "não se reencontram senão em um ponto: Jesus-Cristo" (21).

Correspondeu, pois, às exigências metodológicas apontadas por Lacordaire o tratamento dado ao problema da existência de Jesus. Nesta ótica, o fato da existência de Cristo se liga aos evangelhos, que são escritura pública da sociedade pública dos cristãos, sobre a qual foi exercido severo controle, de acordo com indiscutíveis testemunhos e que, inserida na trama da história geral, recebeu dela, na lógica de seu processo, confirmação definitiva e indiscutível: sem a presença de Jesus, a história seria inexplicável.

Sumariando todo o processo, diríamos que o fato da existência de Jesus foi analisado por Lacordaire em círculos homocêntricos e progressivos que o envolvem, dentro dos quais assume valor, sentido e garantia de historicidade.

Tentemos uma sinopse:



- Controle:  
Dinamismo da  
História. Fatos se  
explicam e confir-  
mam mutuamen-  
te.

Garantia histórica no  
vínculo que estrutura o conjunto.

Depois de haver conduzido seu discurso "avec la dernière rigueur", Lacordaire se considera no direito de não tergiversar: "Concluo, Senhores - negar a realidade histórica da vida de Jesus-Cristo é um ato de demência, um golpe desesperado." Em compensação, não é impunemente que a admitimos. Não estranha, pois, que haja interesse em criar "trevas em torno... A verdade... tranqüila nas alturas inacessíveis em que Deus a colocou, segura de si mesmo... pode dizer ao homem, imitando um verso famoso: Contesto se puder, consinta se ousar" (22).

## 2

### APROXIMAÇÕES

No decorrer deste nosso estudo, surgiram-nos insistentemente no espírito algumas aproximações que julgo interessante apontar para melhor avaliarmos o pensamento de Lacordaire. Naturalmente um dos referenciais só poderá ter sido a crítica exegética de hoje. Outra, a surpreendente simetria mental que descobri entre o grande orador de Notre Dame e o mestre de Oxford, Henry Newman. Começemos por este.

### 2.1 Newman.

Ao iniciar, encantado, a leitura do sermão, jamais imaginara reencontrar-me com uma das teses mais caras de criteriolgia, cuja descoberta representou para mim um dos momentos mais decisivos de minha vida intelectual: o conhecimento pela "convergência dos indícios".

Newman distingue duas lógicas, a formal, que joga com conceitos - silogismo aristotélico; a informal, que chega a determinadas conclusões a partir da análise de fatos convergentes. Nossas convicções, em geral, se apóiam na observação de informações convergentes, de confluências significativas. Newman afirma que é desse modo que conhecemos o que se refere a nós, nossos antepassados, nossa história, nosso mundo, que sabemos que um dia morreremos, que a Inglaterra é uma ilha... Não se trata de um acúmulo de indícios, de probabilidades, mas de sua convergência, de sua correlação, convergência essa que constitui um fato novo, distinto da mera congérie. A evidência da conclusão surge precisamente da confluência de provas e indícios que formam, *em conjunto*, um argumento sólido, cuja força reside no resultado da *união de tudo sob um só ponto de vista*, pois "cada uma das probabilidades é muito tênue para que possa valer separadamente"; quando, porém, estas probabilidades *são reduzidas à unidade*, tornam-se suficientes "para conduzir a uma conclusão razoável sobre um ponto em questão". A essa conclusão se chega não "por uma enumeração verbal de todos os detalhes", mas "por uma compreensão global de todo o caso em longo exame e, às vezes também, por um ato claro e rápido do entendimento. Trata-se, em todo caso, de uma recapitulação não escrita, algo assim como a soma dos termos de uma série algébrica" (23). Quando consideramos os indícios "conjuntim", podemos obter alguma conclusão (24). Na lógica informal, as premissas da inferência estão impregnadas da substância e força da "massa de probabilidades que, atuando-se mutuamente umas sobre outras como correção e confirmação, chegam a uma conclusão sobre o caso estudado" (25).

Compare-se este vocabulário com o de Lacordaire, a que acima acenamos, e observe-se a impressionante semelhança. "Não há acontecimentos desarticulados; seu "encadeamento" se desenvolve dentro de uma lógica análoga à das idéias; a força da história reside na *conjunção*, no *vínculo* (26). Com o passar do tempo, mais e mais cresce a teia da história e "a cada momento mais e mais se integram (os fatos) na força solidária do todo, pela sempre mais ampla repercussão de uns sobre os outros" (27).

Newman propõe como teste para a verificação da certeza obtida,

a "Reductio ad absurdum": chegados à conclusão, levantamos a hipótese contrária que, se aparecer como absurda, confirmará a correção do processo. Pinard de la Boulaye, sublinhando a face positiva da "Reductio ad absurdum" — encontrável também em Newman — nos diz que a "convergência das probabilidades autoriza uma asserção categórica, porque *a razão suficiente de tal conjunto não pode ser senão a verdade da conclusão a que conduz*" (28). Ora, encontramos em Lacordaire, várias vezes, este apelo à razão suficiente ou explicação necessária, como prova de historicidade. Em termos abstratos, ele aponta como "sinal de impostura" a *impossibilidade de situarmos um acontecimento "na trama geral da história sem lhe perturbar a economia"*. A relação de um fato histórico com a trama geral da história é direta: *negado o fato, dever-se-á negar toda a história*. Em concreto, a existência histórica de Jesus constitui-se na única explicação possível, na *única razão suficiente* de toda a história dos cristãos e do império romano, não só pela transformação da história do império em direção ao bem — "na história... todo bem... parte sempre de um princípio uno, de um homem depositário... da força invisível de Deus" — mas também pela própria trama da história: "em nome desta trama imensa que é necessário admitir e explicar, nós vos dizemos — *Jesus-Cristo é a palavra suprema da história, sua chave e revelação*" (29).

## 2.2 Exegese crítica contemporânea.

Os estudos bíblicos deste século têm-se debruçado intensamente sobre o problema histórico de Jesus e chegou a resultados extraordinários através dos métodos da História das Formas, da História da Tradição e da História da Redação. Se os Evangelhos são testemunhos de fé da comunidade, esta fé não surgiu de "fábulas infantis" (30), mas de uma convivência com o "Verbo da Vida" "que ouvimos, vimos com nossos olhos, contemplamos e nossas mãos apalparam" (31). Lucas se refere a "testemunhas oculares" de fatos e à investigação que empreendeu "para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste" (32). Após árduo esforço da exegese, podemos dizer que não apenas a existência de Jesus, mas também uma impressionante série de palavras e fatos de sua vida podem considerar-se historicamente controlados. Os resultados dessa análise têm sido divulgados em forma de aplicação aos Evangelhos dos critérios de historicidade propostos pela historiologia geral. Ora, lendo Lacordaire, constatamos que o tratamento por ele dado ao estudo histórico da existência de Jesus aponta curiosamente em direção a esses critérios. E, por isso mesmo que ainda estamos muito longe da situação da criteriologia de hoje, mais nos surpreende a correção de suas colocações.

### 2.2.1 Critério de Atestação Múltipla.

Exegetas consideram histórico um dado evangélico solidamente testemunhado nas fontes (33). Dentro da estrutura dos três momentos de sua lógica, nosso orador faz várias referências às fontes. No primeiro momento cita fontes que confirmam as atividades dos cristãos e de Cristo como seu iniciador: os Evangelhos autênticos, os apócrifos e escritores pagãos - Tácito, Plínio, o Moço, Celso e Porfírio. No terceiro momento lembra o testemunho dos mártires e do povo judeu.

Hoje basta abrir qualquer manual de Teologia Fundamental para encontrar não só uma elaborada análise crítica das fontes do Novo Testamento, Evangelhos, Atos e Epístolas, como também um elenco de outras fontes pagãs como Suetônio (34), Adriano, Imperador (35), Mara (36), Luciano de Samósata (37), Jérocles (38), Juliano, o Apóstata (39), e misteriosa referência às "Atas do Processo de Jesus", em Justino, Tertuliano e Eusébio de Cesaréia (40). Encontramos também referências mais concretas a fontes judaicas com citações de Thallos (41), do Talmud (42) e do historiador judeu-romano Flávio Josefo com importante passagem sobre Jesus (43). Em relação a estudos atuais, chega a ser comovente o testemunho de escritores israelitas (44).

Para a crítica é de suma importância o depoimento de quem discrepa como, por exemplo, os israelitas e os polemistas. Ao se referir ao primeiro elemento da história, Lacordaire pondera, como vimos, que seria inconcebível o espetáculo de uma conjura popular a fim de mentir à posteridade", pois "dominado por muitas idéias e agitado por muitas paixões", o povo jamais se entenderia apenas com "o fim de enganar os séculos futuros" (45).

### 2.2.2 Critério de Conformidade.

Este critério, chamado também de continuidade ou de coerência, nos assegura a historicidade de um fato ou palavra de Jesus quando em estreita harmonia com a época e o ambiente — lingüístico, geográfico, social, político, religioso" (46).

Embora Lacordaire não desenvolva o tema, aponta-lhe o seguinte princípio fecundo, acima exposto: "Não há acontecimentos desarticulados", e seu encadeamento se processa dentro de uma lógica análoga à das idéias em seu discurso mental. Sinal infalível de impostura será a impossibilidade de situarmos um acontecimento "na trama geral da história sem lhe perturbar a economia" (47).

Em nossos dias podemos contar com inúmeros trabalhos críticos — p.e., de J. Jeremias e J. Blinzler - que demonstram a perfeita

insersão dos Evangelhos no contexto dos costumes e leis dos israelitas e dos romanos (48). De enorme transcendência também são as descobertas arqueológicas, como as do Mar Morto, do antigo teatro de Cesaréia, com inscrições referentes ao Prefeito Pôncio Pilatos, da laje com inscrições de Quirino da Síria, da piscina junto à Porta das Ovelhas...

### 2.2.3 Critério de explicação necessária.

Latourelle atribui grande relevo a este critério, que ele assim define: "Se, face a um conjunto considerável de fatos ou de dados que exigem uma explicação coerente suficiente, surgir um esclarecimento que ilumine e agrupe harmonicamente todos esses elementos — que, do contrário continuariam sendo um enigma — podemos concluir estar em presença de um dado autêntico" (49). A história profana dos primeiros séculos, como vimos, não teria sentido sem a história dos cristãos e, ainda mais, de Cristo, como acentua Lacordaire.

### 2.2.4 Critério de descontinuidade.

"Pode-se considerar autêntico um dado evangélico — sobretudo se se tratar de palavras e atitudes de Jesus — que não possa reduzir-se às concepções do judaísmo e da Igreja Primitiva" (50). Lacordaire não desdobra este critério, apenas acena em direção a ele, e de maneira muito vaga, quando acentua a novidade da história introduzida pelo cristianismo face ao mundo idolátrico anterior. Jesus, de onde parte a transformação do mundo, representa, pois, uma ruptura em relação ao passado; ele representa algo inexplicável pelo passado (51).

### 2.2.5 Aplicação convergente dos critérios.

Exegetas e Lacordaire coincidem perfeitamente no destaque a se dar à importância de uma aplicação correta dos critérios. Sua força demonstrativa depende de sua abrangência e convergência: uma utilização atomista não chegaria a convencer. Se as três condições da história são escritura pública, fatos públicos e enredo público, apenas quando elas estiverem unidas é que poderemos afirmar que "há história e que a elas resistir seria resistir à força do senso comum" (52).

Outros critérios da atual exegese, como o de "acordo de fundo e interpretação diversa" estão muitos ligados às novas pesquisas e, salvo melhor juízo, deles não encontramos vestígio no sermão que examinamos.

A opinião da inteligência de hoje não difere das convicções de

Lacordaire de que a negação da historicidade de Jesus seja um "ato de demência" e um "golpe desesperado" e de Bultmann, "a dúvida sobre a existência real de Jesus carece de fundamento e não merece uma só palavra de réplica". Hans Küng nos assegura que "a existência histórica de Jesus não se contesta mais por nenhum pesquisador sério. O que, naturalmente, não impediu que escrevinhadores menos sérios prosseguissem a publicar coisas pouco sérias sobre Jesus... Conhecemos, com certeza histórica, muito mais sobre Jesus de Nazaré do que sobre os grandes fundadores religiosos da Ásia... Jesus de Nazaré não é nenhum mito: sua história pode ser datada" (53). Walter Kasper, também professor em Tubinga, escreveu: "No começo de nosso século, se propôs, de diversas formas, a tese de que Jesus não tinha existido e de que a história de Jesus era um mito e uma lenda. Faz tempo que essas teses se evidenciaram como absurdo histórico. Não se pode duvidar, racionalmente, do fato de que Jesus de Nazaré tenha vivido nos três primeiros decênios de nossa era... da obscuridade da história se destacam com relativa nitidez os rasgos característicos da atuação e da pregação de Jesus... O afirmar o contrário se pode deixar tranqüilamente para teólogos aficionados e diletantes" (54). Insuspeitos filósofos marxistas, como Garaudy, Bloch, Machovec, vão muito além da simples afirmação da existência de Cristo. Leia-se Bloch: "A manjedoura, o filho do carpinteiro, o sonhador que vivia entre a gente simples, o patíbulo, enfim — isto é material histórico, não material dourado que a lenda ama". Se há mito na vida de Jesus "ele constitui apenas a moldura que envolve um homem" (55).

Numa perspectiva ecumênica mais bonita, infelizmente desconhecida no tempo de Lacordaire, podemos hoje repetir com ele: Deus, preservando o seu povo, "conservou este testemunho perfeito... Olhai à direita e à esquerda de Cristo... os dois povos — cristãos e judeus — dizem ambos a mesma coisa...", pois "não se reencontram senão em um ponto: Jesus-Cristo" (56). Já em 1899, Max Nordau escrevia: "Jesus é a alma de nossa alma, como é carne de nossa carne. Quem desejaria expulsá-lo do meio do povo hebraico? Pedro será o único hebreu a ter afirmado desse descendente de Davi — não o conheço" (57). Leo Baeck, em nossos dias, nos diz que Jesus foi um homem que "viveu na região dos hebreus durante dias borrascosos e de tensão, ajudou, trabalhou, sofreu e morreu, um homem do povo hebraico, pelas estradas hebraicas, na fé e esperança hebraicas" (58). Schalon Ben Chorin vai mais além da simples defesa da historicidade, além mesmo da tentativa de uma teologia judaica sobre o cristianismo, pois chega à mística: "Jesus é para mim não apenas o irmão humano, mas o irmão hebreu. Eu sinto a sua mão fraterna que me agarra para que O siga" (59).

Que diria Lacordaire, se soubesse que, em nossos tempos, os irmãos israelitas não apenas continuariam fiéis a seu testemunho a respeito de Jesus, mas começariam a Lhe sentir a mão fraterna?

## NOTAS

1. Bultmann, R. "Jesus", Munique-Hamburgo 1965, págs. 13-14.
2. "Folha de S. Paulo" - Ilustrada - 13/VIII/88, E 14; "Veja", 31/VIII/88, págs. 30-31.
3. "Oevres du P.H. - D. Lacordaire" Tome IV. Conférences de Notre-Dame de Paris. Tome Troisième. Année 1846. Paris. Ancienne Librairie Poussielgue. J. de Gigord, éditeur, 1918. Quarante-Deuxième Conférence, pág. 160.
4. "Oevres...", pág. 157.
5. "Oevres...", pág. 155.
6. "Oevres...", págs. 157, 158.
7. "Oevres...", págs. 159, 161.
8. "Oevres...", págs. 161, 163.
9. "Oevres...", pág. 162.
10. "Oevres...", pág. 164.
11. Tacitus, P. Cornelius (95-120 circa D.C.) "Annales", XV, 44.
12. "Oevres...", págs. 167, 169.
13. Plínio, o Jovem (62-114 D.C.), Livro X, Carta 96. Temos nesta carta um testemunho belíssimo a respeito da vida dos cristãos: "Em certo dia, antes do nascer do sol, eles tinham o hábito de cantar, entre eles, alternadamente, um hino ao Cristo como a um deus e de jurar não cometer nenhum crime, não furtar, não roubar, não cometer latrocínio, adultério, não faltar à palavra dada, nem negar o depósito exigido pela justiça; terminados esses ritos, eles tinham o costume de se separar e outra vez se reunir para tomar sua refeição, ao que se diz, frugal e inocente."
14. "Oevres...", pág. 170.
15. "Oevres...", pág. 172.
16. "Oevres...", págs. 173, 174.
17. "Oevres...", págs. 176, 177.
18. "Oevres...", págs. 175, 176.
19. "Oevres...", págs. 177, 178.
20. "Oevres...", pág. 180.
21. "Oevres...", pág. 181.
22. "Oevres...", pág. 182.
23. Penalva, José de Almeida, "Convergência de indícios na apologé-

- tica do Sinal" em Cadernos, Vol. 1-2, 1965, págs. 51-58; Newman, Henry. "Grammar fo Assent", Part II, Chapter VIII, 2. Informal Inference, 1,3.
  24. Tristram, H., "Cardinal Newman's Theses de Fide and his proposed Introduction to the Frensc Translation of the University Sermons", em Gregorianum, 1937, págs. 219-260.
  25. "Grammar" 1. cit.
  26. Cf. nota (7).
  27. Cf. nota (9).
  28. De La Boullaye, H. Pinard, "L'Étude comparée des Religions", II. Beauchesne, 1922, págs. 527ss.
  29. Cf. nota (7); "Oevres...", pág. 176.
  30. IIPED, I, 16.
  31. IJO, 1-4.
  32. I, 1-4.
  33. Latourelle, R., "A Jesus el Cristo por los Evangelios", Sigueme, 1982, págs. 207-210.
  34. Suetônio, Caio Tranquilo, (69-141 D.C.), "Vida dos 12 primeiros Césares" (120 D.C.), "Vida de Cláudio" XXV, 4. Ele lembra que Cláudio expulsou de Roma os judeus que, por instigação de Cresto, faziam freqüentes tumultos". Esta expulsão, confirmada pelos Atos dos Apóstolos XVIII, 12 e pelo historiador Orosio, VII, 6,15, aconteceu nos anos 49 e 50. Trata-se mesmo de Cristo, ainda que Cláudio escreva "Chresto", pois os cristãos também eram chamados em Roma por 'Chrestiani', como testemunha Tertuliano em "Apologeticum", III. Beni Arialdo, "Teologia Fondamentale Fiorentina", 1972, pág. 145; Fabris, Rinaldo, "Jesus de Nazaré, Loyola, 1988, pág. 45.
- ⊕
35. Adriano, Imperador (117-138 D.C.), através de dois rescritos, lembra os cristãos; o primeiro ao procônsul da Ásia Minúcio Fundano (125 D.C.), de acordo com notícias de Eusébio de Cesaréia, "História Eclesiástica", IV,9; o segundo ao cônsul Serviano (133 D.C.) de acordo com notícias de Flávio Volpisco em "Vita di Sturnino" na "Historiae Aug. Scriptores", II. O documento fala dos cristãos como de gente superficial que, no Egito, passa com facilidade de Serapião a Cristo e vice-versa.
  36. Cureton, W, "Spicilegium syriacum", Londres 1875, págs. 43-48. Encontramos aí a carta que o filósofo síriaco chamado Mara (200 D.C. circa) teria escrito para seu filho Serapião onde

- encontramos uma alusão a Jesus. Ao lado de Sócrates e Platão ele cita Jesus "um sábio rei dos judeus, condenado à morte pela própria nação que, por isso, foi punida por Deus com a devastação da capital e com a dispersão dos hebreus por toda a terra". Cf. Beni, ob. cit., pág. 147.
37. Luciano de Samósata escreveu o livro "Peregrino" (170 D.C. circa) onde em 11 e 13 escarnece-se dos cristãos e afirma que seu primeiro legislador era sofista e mago e foi crucificado na Palestina. Cf. Beni, ob. cit. pág. 146.
  38. Jérocles, funcionário imperial, escreveu um livro dedicado aos cristãos, "Amigo da verdade" (303 D.C. circa) em que compara Jesus com Apolônio de Tiana. Cf. Beni, ob. cit., pág. 146-147.
  39. Juliano, o apóstata, Imperador Romano de 361-363 D.C., renegou o cristianismo e tentou restabelecer o paganismo, mas, inutilmente. Escreveu "Libri tres contra Galileos" cheio de ódio e fanatismo contra o cristianismo. Cf. Beni, ob. cit., pág. 147.
  40. Cf. Fabris, Rinaldo, ob. cit., págs. 44,45, nota 13.
  41. Jacoby, F. "Die Fragmente der griechischen Historiker, II, Berlin, 1926, pág. 1157. Encontram-se aí fragmentos de uma história escrita na metade do séc. I, por um samaritano chamado Thallos que interpreta como eclipse do sol as trevas que acompanharam a morte de Jesus. Thallos é citado por João Hircano. Cf. Fabris, ob. cit., pág. 44, nota 12.
  42. A Enciclopédia Judaica, VII citado por Beni, ob. cit. pág. 141, nota 2, reputa legendários os dados do Talmud sobre Jesus: filho de Panthera (parthenos, virgem?), foi enforcado na véspera do sábado; conduzido à lapidação por ter praticado a magia e induzido (à idolatria) e desviado Israel; foi lapidado e suspenso do patíbulo em Lydda, no dia da preparação para a Páscoa; hoje se encontra na Geena, imerso em um lodo fervente. Sanh VI, 1; Sanh 14a.; Sanh 107b. Cf. Fabris, ob. cit., págs. 35-39; Beni, ob. cit. págs. 139-141.
  43. "Antigüidades Judaicas", XX, 9, 1, § 200 e XVIII, 3,1, §§ 60,62. A obra foi publicada pela primeira vez em 94/95 D.C. No primeiro texto, ele fala do sumo-sacerdote Anã, que fez "comparecer diante dele o irmão de Jesus, chamado Cristo, cujo nome era Tiago e alguns outros, como transgressores da lei e os mandou lapidar". O segundo texto foi objeto de muita polêmica e, na versão mais original, certamente recebeu interpolação de piedosa mão cristã. Em meio a muitas polêmicas, descobriu-se uma citação feita pelo bispo Agáprios, do séc. X, em sua obra História Universal, em árabe, e que bem poderia ser a versão original, sem interpolações: "Naquela época, houve um homem sábio, chamado Jesus, cuja conduta era boa; as suas virtudes foram reconhecidas, e muitos judeus e estrangeiros tornaram-se discípulos seus. Pilatos o condenou à morte de cruz. Mas os que se tinham feito seus discípulos pregaram sua doutrina. Eles contaram que Ihes tinha aparecido três dias depois da crucifixão e que estava vivo. Talvez fosse ele o Cristo a cujo respeito os profetas tinham falado coisas prodigiosas." Fabris, ob. cit., págs. 39-43; Dubarle. AM. "Le temoignage de Joseph sur Jésus d'après la tradition indirecte", em Revue Biblique, 1973 págs. 481-513; Salvador, Joaquim, "É autêntico o "Testimonium Flavianum"? em Revista de Cultura Bíblica, Loyola, nº 6 (1976?), págs. 137-151.
  44. Fries, Heinrich, "Modeli fondamentali contemporanei di interpretazioni non ecclesiali di Gesù", em Scheffczyk, Leo, "Problemi fondamentali della cristologia oggi", Morcelliana, 1983, págs. 51-59; Ben-Chorin, Schalom, "Existe no cristianismo atuação divina"? em "Identidade cristã", Vozes, 1988, págs. 70-81.
  45. Cf. nota (47).
  46. Latourelle, ob. cit., págs. 213-215.
  47. Cf. notas (7) e (8).
  48. Cf. Bibliografia em "Resurrexit" acima citado, págs. 651 ss.
  49. Latourelle, ob. cit. págs. 215-218.
  50. Latourelle, ob. cit., pág. 210.
  51. "Oevres...", págs. 174, 175.
  52. Cf. nota (3)
  53. "Ser Cristão", Imago, 1976, págs. 122-126.
  54. "Jesus, el Cristo", Sigüeme, 1979, págs. 77,78.
  55. Fries, art. cit., págs. 41-51. Bloch Ernst, "Das Prinzip Hoffnung; Frankfurt a.M., 1967, pág. 1.482.
  56. Cf. nota (21).
  57. Fries, art. cit. pág. 52.
  58. Fries, art. cit. págs. 52,53.
  59. "Bruder Jesus", Munique, 1970, pág. 12.

## TASSO DA SILVEIRA

Mário Montanha Teixeira \*

Parece ter sido ontem. E no entanto faz mais de vinte anos que, surpreendido pela morte do renomado poeta, escrevi um artigo, publicado no Natal de 1968 num dos órgãos de nossa imprensa, que assim terminava:

Tasso! Tasso! Grande Tasso! Na história de sua pobreza dignificante e na sua aceitação conformada dos 'desígnios insondáveis da providência', algo havia que sempre me lembrou, sem as agressivas arestas, sem os excessos da intolerância, a figura singular e grandiosa de um Léon Bloy! Um Léon Bloy à nossa maneira, dulcificado pelo sentido da simpatia humana que se encontra nas camadas mais íntimas de nosso substrato de povo, como um dos elementos mais característicos da personalidade básica da gente brasileira.

Este o Tasso dos 'suaves convívios', inteligência ancorada na fé, abrindo-se, no entanto, como um barco em alto mar, para todos os horizontes.

Este o Tasso, de convicções firmes e profundas, homem de luta, incansável, indormido trabalhador das coisas do espírito,

\* Professor Emérito da Faculdade de Direito e Vice-Presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes.

coração imenso e capaz de repartir-se e dar-se em frações iguais de pura amizade.

Este o Tasso, sempre presente, mas que agora nos falta, voz profunda e acolhedora que já não ouviremos na paisagem sentimental de nossos dias, cada vez mais pobres de uma serena e certa segurança.

Este o Tasso, que soube viver e lutar pelos mais altos valores de uma cultura feita de alma e sonho, honrando e engrandecendo as mais belas tradições de nosso gênio literário.

Tasso querido, cristalina fonte de puro encantamento, perdoa, amigo, a minha falta, o artigo que não escrevi quando ainda podias ver e sentir o quanto te queríamos e o muito que a ti devemos, os de minha geração, angustiada e sofrida geração.

Perdoa, Tasso!

Agora, transcorridos mais de vinte anos de sua ausência, tão sentida, volto a recordar o amigo, o analista sutil, o intérprete crítico de nossas letras, principalmente na "Definição do modernismo brasileiro"; o mestre de gerações; o romancista e teatrólogo; o tradutor de Karl Adam e Berdiaeff e Gertrud von Le Fort; o jornalista de "Festa", de importância reconhecida na história de nossa literatura moderna e de "Cadernos da hora presente", que inovou em matéria editorial, contando com a colaboração de eminentes e consagrados intelectuais, como Otávio de Faria, Luís da Câmara Cascudo, Andrade Muricy, Plínio Salgado, Adonias Filho, Lúcio Cardoso, Tristão de Athayde, Joaquim Ribeiro, Padre Orlando Vilela, Vinícius de Moraes, Mota Filho e muitos outros entre poetas, críticos e ensaístas.

Tasso da Silveira foi tudo isso, mas brilhou, acima de tudo, no lirismo sereno e profundo, quase místico, de sua poesia.

Deixando a capital provinciana que lhe serviu de berço, filho de consagrado poeta e ele mesmo já vibrante e reconhecida esperança de luta e vitória nos domínios da inteligência, para completar seus estudos superiores no Rio de Janeiro, lá se fixou sem jamais esquecer a cidade de sua infância, aonde vinha em periódicas visitas, para rever parentes e amigos, particularmente Lacerda Pinto e Oscar Martins Gomes, entre outros da sua geração.

Em 1916, com apenas 21 anos de idade, publica seu primeiro ensaio, "Jackson Figueiredo"; em 1918, seu primeiro livro de poemas, "Fio d'água"; em 1919, 21 e 22, novos ensaios: "Romain Rolland", "Dario Veloso" e "A igreja silenciosa".

Jovem ainda, já é um nome destacado nos meios literários, como pensador e poeta. Tanto assim que, por ocasião do Centenário da Independência, Vicente Licínio Cardoso, uma das mais altas e belas, segu-

ras e firmes expressões da cultura brasileira, no esplendor de sua atividade intelectual, tragicamente interrompida pela morte, convida alguns autores, de projeção e respeito, com idade entre 29 e 46 anos, para com ele responderem a um inquérito que dá ensejo ao livro "A margem da história da República", publicado por Vicente Licínio em 1924. A esse "inquérito por escritores da geração nascida com a República" respondem: A. Carneiro Leão, com "Os deveres da nova geração brasileira"; Celso Vieira, com "Evolução do pensamento republicano no Brasil"; Gilberto Amado, com "As instituições políticas e o meio social no Brasil"; Jonathas Serrano, com "O clero e a República"; José Antônio Nogueira, com "O ideal brasileiro desenvolvido na República"; Nuno Pinheiro, com "Finanças nacionais"; Oliveira Vianna, com "O idealismo da Constituição"; Pontes de Miranda, com "Preliminares para a revisão constitucional"; Ronald de Carvalho, com "Bases da nacionalidade brasileira"; Tasso da Silveira, com "A consciência brasileira"; Tristão de Athayde, com "Política e letras"; e o próprio organizador da coletânea, Vicente Licínio Cardoso, com dois ensaios, "O fundador da República" e "A margem da República".

Na última edição da citada obra coletiva, publicada pela Editora Universidade de Brasília, diz em sua introdução Venâncio Filho: "Já nos estudos de Carneiro Leão, Gilberto Amado, José Antônio Nogueira, Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde e Vicente Licínio Cardoso parecem estar as contribuições mais destacadas do volume, em termos de um pensamento político e cultural novo."

Aí está, ainda nos primórdios de sua atividade intelectual, o reconhecimento de Tasso da Silveira como pensador, cuja importância se consolida cada vez mais com os ensaios que se sucedem, tais como "Alegria criadora", "Definição do Modernismo brasileiro", "Tendências do pensamento contemporâneo", "Caminhos do espírito", "O Estado corporativo", "30 espíritos fontes", "Gandhi", "Gil Vicente e outros estudos portugueses", e finalmente, sem contar os artigos publicados em revistas e na imprensa diária, o repositório de densos pensamentos, "jornal de fim de caminhada", que é o "Diálogo com as raízes".

Mas Tasso da Silveira, no mais íntimo de sua personalidade, no fundo de sua alma, na totalidade do seu espírito, na projeção integral de sua vida, foi essencialmente um poeta.

Há porém, que distinguir. Spranger, em seus "Ensaio sobre a cultura", transcreve a seguinte passagem de um pensador inglês: "Parece ser que o homem é poeta por natureza". Especificamente em nosso caso, Agripino Grieco — e antes dele, e depois dele, talvez, muitos outros tenham dito o mesmo — afirma que todo brasileiro é poeta. Do mesmo



modo reza o adágio popular que de médico, de poeta e de louco todos têm um pouco. Descontado o exagero dessas afirmações, o certo é que algo de verdade nelas existe, segundo o mesmo Spranger, agora num estudo de psicologia, que serve de base para interessante teste de personalidade. Distinguindo as formas fundamentais de vida, o filósofo germânico analisa as inclinações, as tendências que potencialmente, umas em maior, outras em menor escala, se aninham em cada um de nós, descreve o homem estético, "cuja conduta" — são suas palavras — "é desinteressada, pura contemplação psíquica, um emigrar e transmigrar da alma na multiplicidade dos objetivos dados ou sonhados". No homem estético há o predomínio quase absoluto do sentimento, da sensibilidade, como impulso fundamental de vida. Quando ocorre o predomínio desse impulso, superando de muito o teórico, o econômico, o social, o político, o religioso, então o ser humano vem a ser um artista. Segue-se daí, do que nos ensina Spranger, que dificilmente se encontra alguém destituído por completo de sensibilidade, com total frieza ante o espetáculo do mundo e da vida. Quase impossível, dentro do normal, quem não tenha vivido ou viva um momento de contemplação, quem não tenha cometido, por pequenino que seja, um ato de bondade. Então, nesses breves clarões que rasgam de luminosidade as noites de uma existência enegrecida, se não há a música, nem a pintura, nem a estatúria, nem outra qualquer expressão das artes plásticas, há contudo a presença da poesia.

Repetindo: convém, é necessário, distinguir. Porque há poetas improvisados e há a poesia como vocação. Muitos, em verdade, fazem versos, outros escrevem poemas, mas não são realmente poetas. Falta-lhes a vocação, o impulso que nos vem do íntimo e domina muitas vezes nossa vontade; chamamento, apelo impositivo que dita os caminhos e o objetivo de nosso destino.

Mas, afinal, que é ser poeta? Ser poeta é atender a esse chamamento, à determinação dessa voz misteriosa que vem do fundo do ser humano e assinala as distâncias e marca os passos e o rumo de uma existência na história de um destino em que as notas dominantes são o desapego dos bens materiais, das coisas terrenas e a ansiedade de pureza manifestando-se em palavras quase sons para exteriorizar, com a alma desnuda, os dramas do homem e traduzir, em quase música, as belezas do mundo e da vida. Ser poeta é aproximar-se com humildade da fonte divina, no momento da criação.

Nestas palavras, nada mais descrevo senão o próprio Tasso. Assim como fundo e forma se integram na verdadeira obra de arte, nele o homem e o poeta se confundem numa só pessoa. E fico nisto. Porque se pode argüir de suspeição, sabida ou confessada a simpatia humana, quando o amigo fala sobre o amigo, repito apenas o que outros, de

muito maior peso, já disseram. Não analiso, não externo juízos de valor sobre o pensamento poético e o trabalho artístico de Tasso da Silveira. Limito-me a transcrever opiniões alheias. Autor de mais de vinte volumes, entre poesia e prosa, a crítica o reconhece como um dos grandes nomes de nossa moderna literatura. Além do "Itinerário lírico de Tasso da Silveira", de Joaquim Ribeiro, e de "Tasso da Silveira e o tema da poesia eterna", de Adonias Filho, lúcidas interpretações de sua obra poética, as manifestações de elogio à criação artística de Tasso da Silveira se sucedem desde longa data.

Eis algumas.

Ao apresentar a primeira edição de "Caminhos do espírito", diz o editor: "Nenhum pensador tem realizado, nas letras presentes do Brasil, obra mais harmoniosa do que esse poeta de gestos arrebatados."

Péricles Eugênio da Silva Brito, em "Poesia moderna", assim se expressa: "Tasso desejava que sua poesia fosse clara, simples, de cunho moral, como se vê em 'Alegorias do homem novo', e ostenta certa leveza, espiritualidade, mansidão de pensamento em 'As Imagens Acesas'. Sua nitidez agora imbuída de religiosidade atinge o auge em 'O canto absoluto', sendo a límpida pureza de sua poesia intemporal o que melhor o distingue, mesmo nos seus últimos livros."

Jackson de Figueiredo proclama: "É o livro, pois, de um alto e profundo espiritualismo e obra de um grande poeta... A mais séria, a mais heróica, a mais resistente das almas da geração a que pertence... Uma das mais puras glórias do Brasil contemporâneo."

Declara Augusto Frederico Schmidt: "É um São Francisco de Assis moderno que, olhos cheios de lágrimas, vê, pouco a pouco, desaparecer da terra o místico encantamento das preces e da bondade. Tasso da Silveira é um grande poeta."

Referindo-se a "O cântico do Cristo do Corcovado", diz Tristão de Athayde: "Um dos mais belos poemas da nossa língua e de nossa alma". E Murilo de Araújo: "Extraordinária obra poética, de que todos nos orgulhamos, cheia de forma e de essência, integral e ao mesmo tempo leve e aérea, como acontece unicamente com a chama."

Ainda sobre o mesmo livro, o temido e quase sempre cáustico Agripino Grieco: "Fala agora (o poeta) à comunidade, numa formosa e eloqüente oração lírica, por vezes em tom profético. E conclui numa linguagem impressionante, de quem, nos melhores momentos, sabe manejar sem esforço o vernáculo hebraico ou afinar num sentido católico as vozes polirrítmicas do grande pastor leigo das *leaves of grass*..."

E Andrade Muricy, o crítico celebrado, o artista magnífico de "Suave convívio" e "Festa inquieta", que forma com Tasso da Silveira a dupla de intelectuais que, depois de Nestor Victor, mais engrandeceu

o nosso Estado no Rio de Janeiro e por todo o Brasil, a constituir os dois valores mais altos da inteligência paranaense contemporânea, em breve mas aprofundado estudo sobre a obra poética de seu conterrâneo, tem a seguinte passagem: "Tasso da Silveira é personalidade profundamente individuada e entretanto representativa, em alto grau, de aspirações coletivas, raciais. O homem inconfundível que há nele é corrigido, dirigido por uma mentalidade movida de idealismos precisos e imperiosos. Esse poeta, que se exclui da modernidade aflitiva e pueril por seu amor ao universal e à personalidade humana, é um indivíduo no sentido estrito do vocábulo, marcado de tiques, de modismos, vivendo com lucidez o seu tempo, mas condenado a planar distante por sobre a correnteza turva do quotidiano, tão longe da aventura abandonada, preguiçosa de epicurismo sorridente, como do ceticismo amável e anedótico. Apaixonado: sem desdém, sem ódio. Alerta, interiormente. Solitário que se constrange à ação, ao combate, pronto para sempre a render-se à reação inteligente, à sinceridade, à bondade."

Com a citação do eminente autor do "Panorama do simbolismo brasileiro" encerro este desprezioso trabalho, cujos dizeres estão seguramente muito aquém de minha admiração pelo amigo e poeta e não avaliam, na exata medida, a importância de Tasso da Silveira na história de nossa literatura e o quanto significa sua extraordinária obra nos domínios da inteligência paranaense, para honra e glória de nosso Estado e, particularmente, para Curitiba, a cidade natal que ele tanto amou.

## FREI RAIMUNDO VIER

Antônio Garcia \*

Há vidas que mergulham fundamente em princípios e valores, de que dão permanente exemplo de fidelidade criadora e de que são, a rigor, autênticas explicitações.

Assim foi a vida do saudoso mestre Raimundo Vier, que durante mais de trinta e cinco anos se devotou à religião, à educação e à cultura.

Sacerdote franciscano dos mais autênticos, professor da Universidade Federal do Paraná, onde exerceu os cargos de Vice-Diretor do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, e Diretor do Departamento de Filosofia.

Na Universidade Católica do Paraná, hoje, PUC-PR, da qual foi professor fundador, lecionou Língua e Literatura Inglesa, Introdução à Filosofia, Ética e História da Filosofia, de 1951 a 1966.

Em suma, Frei Raimundo Vier desempenhou uma notável e fecunda atividade docente, dando aulas, proferindo conferências, orientando dissertações, participando de congressos e neles apresentando o fruto de suas reflexões pessoais.

Foi, ainda, um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos e seu Vice-Presidente para a Região Sul, durante uma

\* Sócio Correspondente do Círculo de Estudos Bandeirantes e Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

década, tendo apresentado dissertações relevantes em todos os congressos internacionais de Filosofia que a entidade realizou, publicadas na revista *Presença Filosófica*:

- A Essência da Liberdade na Doutrina de João Duns Escoto;
- Da Possibilidade de uma Ciência do Real em Guilherme de Ockham;
- Rogério Bacon: sua Carreira acadêmico-científica e seu Contributo à Recepção de Aristóteles;
- Da Certeza do Conhecimento de Deus em S. Boaventura.

Sua produção filosófica abrange trabalhos publicados em diversas outras revistas: *Presença Filosófica*, *Revista de Cultura Vozes*, *Vida Franciscana*, *A Ordem*, *Humanitas*, *Revista Eclesiástica Brasileira*, *Fatos Universitários*.

Tradutor exímio (inglês, alemão), poliglota, um dos grandes humanistas de que o Paraná tem legítimo orgulho, ao lado de um Bento Munhoz da Rocha Neto, de um Euro Brandão, de um José Wanderley Dias, entre outros.

Por certo, a sua obra mais importante é a tradução da *História da Filosofia Cristã*, desde as origens até Nicolau de Cusa, de Ph. Boehner e Étienne Gilson, versão portuguesa sobre a 2ª ed. alemã, de 582 páginas, editada em 1970. Leia-se a excelente resenha de Ubiratan Borges de Macedo, publicada na revista *Presença Filosófica*, Vol. XIV, nºs 1 e 2, 1989.

Autor de inúmeras resenhas, publicadas nas revistas *Vozes* e *Eclesiástica Brasileira*.

Participou, também, com diversos verbetes, em enciclopédias e livros, tais como *Philosophy in Brazil*, contribuição à *New Catholic Encyclopedia*, da Editora McGraw-Hill Book Co., New York, 1967, vol. 8, *Weltanschauung, Realpolitik, Sturm und Drang*, etc. in "Singularidades da Língua Alemã", ed. UFPR, 1981.

Josef Seifert, relatando os trabalhos do Simpósio da Academia Internacional de Filosofia, realizado em Liechtenstein, 1984, escreve:

"É importante reconhecer aqui a grande riqueza revelada durante os debates que aconteceram, paralelos às conferências mais significativas. Participantes de quatorze diferentes países trouxeram contribuições excelentes. Talvez o debate mais vívido tenha acontecido depois da apresentação do trabalho do professor Bochenski sobre a questão entre a *Weltanschauung* e a filosofia no que tange à fé. A definição de *Weltanschauung* de Bochenski, sem base racional subjacente, e a proclamação do fim da filosofia sintética e de uma era de valores livres — uma "filosofia analítica" não-universal — resultou num vivo debate. O ponto principal deste debate foi o seguinte: Se qualquer julgamento de valor, reivindicação de verdade, e qualquer tentativa de alcançar

alguma compreensão total do ser e da realidade estavam necessariamente ligados a uma base irracional, tal como professor Bochenski atribuiu à *Weltanschauung* em contradistinação à filosofia, como ele sugere em sua afirmativa."

Parece-nos oportuno transcrever aqui o ensaio-verbete de Frei Raimundo Vier, que veio a lume no livro *Singularidades da Língua Alemã*, publicado algum tempo antes do seu falecimento:

*Weltanschauung*: Composto de *Welt*, mundo, e *Anschauung*, intuição, contempolação, concepção. Sinônimos: *Weltschau*, *Weltansicht*, *Weltsich*. Concepção do mundo, mundivivência, cosmovisão. O termo, já empregado por Immanuel Kant (1724-1804), generalizou-se desde a primeira metade do século XIX. Em vista da riqueza do seu significado e das múltiplas conotações que se lhe associam, não possui equivalente em outros idiomas, razão pela qual se costuma citá-lo em alemão mesmo.

Das tentativas de tradução para o português, o termo cosmovisão parece ser o menos feliz para designar o universo físico ou visível. Assim sendo, a palavra cosmovisão corresponde antes ao que os alemães chamam de *Weltbild*, imagem do mundo, i.é, à representação que os homens se fazem do universo como um sistema bem ordenado e, em especial, de sua estrutura astral. Tal imagem pode ser mais ou menos ingênua ou primitiva (p.ex.: a representação do mundo como enorme tenda, ou moradia, tendo a terra como assoalho e o céu como teto) ou, então, produto de acurado trabalho científico (tal como o sistema astronômico de Ptolomeu, tendo como centro a Terra, ou o sistema copernicano, cujo centro é o Sol).

Por *Weltanschauung* entende-se algo muito mais abrangente, mais originário e fundamental; isso, porque ela inclui, para além de uma imagem do mundo físico, toda uma concepção da vida humana e do seu sentido, no interior deste mundo ou, mesmo, para além dele. Uma *Weltanschauung* é, pois, ao mesmo tempo, uma *Lebensanschauung*, uma concepção da vida.

Concepções do mundo deparamo-las em todos os tempos e em todos os povos, tenham ou não uma imagem científica do universo ou uma filosofia, no sentido técnico do termo. É que elas nascem, por assim dizer, da própria natureza do homem como ser dotado de espírito e, portanto, da capacidade de conhecer o mundo em que vive, não apenas em função de suas precisões físicas ou biológicas, como também, e sobretudo, em função das suas aptidões e exigências espirituais e emocionais. Na verdade, a imensa maioria dos homens não sente a necessidade de uma filosofia científica, nem de um conhecimento científico do mundo. Mas todo homem possui e professa — com palavras ou sem elas — uma *Welt-und Lebensanschauung*, uma visão do

mundo e da vida. E é relativamente fácil descobri-la, através do seu modo de ser e agir, pelas coisas que admira ou detesta, pela linguagem que utiliza, pelos livros ou jornais que lê, pelas amizades que cultiva, pelos heróis que venera e os vilões que aborrece. Em suma, no comportamento concreto de uma pessoa, revela-se o que ela pensa e sente, em geral, a respeito das coisas, dos acontecimentos, dos homens, do sentido da vida, etc. E é com base neste modo global de julgar, de agir e reagir às coisas e aos acontecimentos que costumamos atribuir às pessoas (como também a grupos inteiros ou comunidades de pessoas) uma *Weltanschauung* espiritualista ou materialista, idealista ou realista, otimista ou pessimista, religiosa ou irreligiosa, etc. E, por outro lado, as nossas relações com as pessoas serão determinadas, em boa parte, pelas nossas afinidades ou diferenças em matéria de *Welt-und Lebensanschauung*. É o que bem exprimia G.K.Chesterton, ao declarar que, para uma dona de pensão, é muito mais importante estar informada sobre a *Weltanschauung* de seu locatário do que sobre a sua situação financeira e, para um general, é mais importante conhecer a *Weltanschauung* do que o número dos seus inimigos."

Na área do Pensamento Luso-Brasileiro, pode Raimundo Vier, uma vez mais, demonstrar sua invulgar cultura, destacando sempre um Pedro da Fonseca (1528-1599), que pendeu para a vertente escotista; um João de Santo Tomás (1589-1647), eminente dominicano português considerado, no conselho unânime dos historiadores, entre os maiores tomistas da época; um Pedro Hispano, que chegou ao trono pontifício com o nome de João XXI, filósofo e médico, conhecido como um dos maiores lógicos da Idade Média e da Renascença e, sobretudo, uma verdadeira escola de pensadores franciscanos liderados pelo combativo e eminente Francisco Macedo, que ilustrou a cátedra de Filosofia nas Universidades de Roma e de Pádua.

Raimundo Vier, filósofo, psicólogo, educador, teólogo, poliglota, humanista, um dos expoentes da Filosofia Cristã, entendida como nós a compreendemos: "É cristã toda filosofia que, criada por cristãos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, e, não obstante, vê na revelação cristã um auxílio valioso, e, até certo ponto, mesmo moralmente, necessário para a razão."

#### Obras de Raimundo Vier

- Evidence and its function according to John Duns Scotus. New York, 1951.
- Ockham e os tempos modernos. Petrópolis, Vozes, 1954.
- O problema da indução segundo João Duns Scoto. Curitiba, 1958.

- Philosophy in Brazil. In: New catholic encyclopaedia. New York, MacGraw-Hill, 1967.
- Boehner, P. & Gilson, E. História da filosofia cristã; desde as origens até Nicolau de Cusa. Petrópolis, Vozes, 1970, 582 pp. Tradução e notas introdutórias.
- A Renascença: uma página gloriosa na história da filosofia portuguesa. Arquivos, Curitiba, 1970.
- Uma filosofia nacional polonesa: o messianismo. Curitiba, An. Comun. Bras. Pol. 1971.
- João Duns Escoto. Pode-se provar a existência de Deus? Petrópolis, Vozes, 1972. Introdução, tradução e notas.
- O ideal boaventuriano da sabedoria cristã. Rio de Janeiro, Ordem, 1974.
- Immanuel Kant. Textos selectos; edição bilíngüe. Petrópolis, Vozes, 1974, Tradução.
- Natureza e objeto da síntese boaventuriana. Petrópolis, Vozes, 1974.
- A essência da liberdade na doutrina de João Duns Escoto. In: Humanismo pluridimensional. São Paulo, Loyola, 1974.
- Vida e obra de São Boaventura. Vida Franciscana, 1974.
- Da certeza do conhecimento de Deus, Vida Franciscana, 1974.
- São Francisco e o pensamento medieval, In: Nosso irmão Francisco de Assis. Petrópolis, Vozes, 1975.
- Três conferências de retiro. Franciscanismo e personalidade. Vida Franciscana, 1977.
- Da possibilidade de uma ciência do real em Guilherme de Ockham. Presença Filosófica, 1978.
- São Boaventura, ciência e fé. Bragança Paulista, Faculdades Franciscanas, 1979.
- João Duns Escoto. Bragança Paulista, Faculdades Franciscanas, 1979.
- Guilherme de Ockham: filósofo e teólogo franciscano. Bragança Paulista, Universidade São Francisco, 1980.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O BRASÃO DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES

Nélson de Luca \*

Enquanto eu estava no Auditório do Centro de Teologia e Ciências Humanas, localizado no primeiro bloco do *campus* da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, no dia oito de junho último, aguardando o início de palestra a ser proferida pela ilustre Professora Henriqueta Penido Garcez Duarte e refletindo sobre o ideal dos doze fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes - Antônio Rodrigues de Paula, Benedicto Nicolau dos Santos, Bento Munhoz da Rocha Netto, Carlos de Brito Pereira, José de Sá Nunes, José Farâni Mansur Guérios, José Loureiro Fernandes, Liguaru Espírito Santo, Padre Luís Gonzaga Miele, Pedro Ribeiro de Macedo, Rosário Farâni Mansur Guérios e Waldemiro Teixeira de Freitas - circunvi o brasão venusto desta entidade, jacente, em destaque, à minha frente, e, sem nenhuma pretensão doutoral, transmiti ao conspícuo Professor Sebastião Ferrarini, sentado à minha direita, algumas considerações àquele respeitantes.

Ignorava eu que, mais tarde, no dia quatorze do mês de setembro imediatamente subsequente, seria de certo modo intimado a escrever algo sobre as idéias externadas naquela ocasião.

É o que passo a fazer com temor e algum prazer.

\* Nélson de Luca é Professor Emérito da UFPR.

O brasão referido é o seguinte:



e as considerações pertinentes, as consignadas abaixo:

1ª - as cinco estrelas, que se encontram no interior da circunferência menor, lembram as cinco categorias de sócios — bandeirantes, contribuintes, honorários, beneméritos e correspondentes — e, ainda, sugerem que os integrantes dessas categorias devem possuir ideais e sentimentos elevados;

2ª - na coroa circular, definida pela porção do plano delimitada pelas duas circunferências, há que notar o seguinte:

- a) na parte superior, as três palavras têm, pela ordem, os números de letras seguintes: 7, 2, 7, os quais lembram: um candelabro, uma união fraternizante e outro candelabro, sendo o candelabro um suporte onde as lâmpadas são colocadas para que iluminem mais (1), fato este indicador de que os sócios, fortemente iluminados pela fé, devem permanecer unidos entre si; além disto, como  $7 = 2+5$  e cinco é o número de dedos de uma mão normal, as duas palavras "círculo" e "estudos" podem ser interpretadas como representativas das mãos do sócio genérico a promoverem a união referida pelo seu próprio trabalho;
- b) na parte inferior, a palavra "Curitiba", ali figurante, possui oito letras e  $8 = 2^3$ , fato este indicador de que os sócios, unidos, devem orientar-se para a Santíssima Trindade, por intermédio de Maria, cujas cinco letras estão indicadas pela soma da base com o expoente ( $2+3$ );

3ª - a faixa, que abraça os dois círculos, reforça a idéia da fraternização e, como a palavra "Bandeirantes" possui doze letras, isto sugere que os sócios, fraternizados, devem ser apóstolos autênticos, destemidos e ardorosos no ato de "incentivar estudos de interesse nacional por meio de pesquisas, conferências e publicações, estimulando trabalhos referentes à cultura nacional, de modo particular na esfera

regional paranaense, e dedicando-se, subsidiariamente, a assuntos da cultura portuguesa e da religião cristã", conforme estabelece o artigo primeiro do Estatuto;

4ª - enfim, imaginando a passagem da circunferência externa para a interna mediante uma deformação contínua, com raio decrescente, mantido o centro comum, aparece clara a idéia do refinamento da pesquisa da VERDADE; mas, se a referida passagem for concebida da circunferência interna para a externa, com raio crescente, mantidos o centro comum e a deformação contínua, a idéia que aflora naturalmente é a de que a VERDADE encontrada deve ser difundida, *si verum dicimus* (2).

Curitiba, 17 de setembro de 1989.

#### NOTAS

1. O candelabro de sete braços veio a ser símbolo do judaísmo, estando descrito em Ex 25,31-39. Aparece, igualmente, em alto relevo, no arco de triunfo de Tito (39-81), em Roma. Em Ap 1,20, entre outros, os candelabros são imagens das comunidades cristãs (Cf Mt 5,14ss).
2. Se quisermos falar com franqueza.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLÔNIA CECÍLIA

Palestra proferida pelo Prof. Newton Stadler de Souza no Círculo de Estudos Bandeirantes.\*

Sr. Presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes, Senhoras, Senhores, Associados do Círculo, Professores.

É a 12ª vez que trato deste tema. Já começam a murmurar: "Sobre a Colônia Cecília? Ouviu o Stadler?"

Certa vez, o escritor Burroughs, versado na temática "Tarzan", queixou-se de que embora quisesse escrever sobre outro assunto, só lhe pediam e comentavam sobre o Tarzan da África.

Sentia-se derrotado, como pessoa, pela personagem por ele criada.

Escrevi "O Anarquismo da Colônia Cecília" em 1969. No primeiro momento em que redigia o trabalho, experimentei, rebeldia. Vinha sofrendo, em 1965-66 e 67, e entendia que, injustificadamente, conseqüências de ação pessoal que me envolviam na condição de jornalista, sindicalista; e, evidentemente, atento a novo momento político que vivia o Brasil, a partir de 1964. Sentindo-me injustiçado em lesões de direito pessoal e sindical, meu primeiro momento foi de irreflexão emocional: "Vou escrever alguma coisa que pelo menos eles terão o direito de dizer que eu seja subversivo. Foi, assim, uma ação muito te-

\* Newton Stadler de Souza é Professor de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

merária a que me impus, na primeira hora”.

Mas apaixonei-me pelo tema, tabu até então, nos fastos sociais e políticos. Comecei a pesquisar e a escrever. O ato de escrever era fácil, para quem, durante alguns anos atuava em jornal; eu tinha tido boa experiência no trato com a língua, com muita leitura e convivência com professores de português, que realmente me orientaram bem na febricitante vida de jornal, notadamente no emprego da crase: Dicesar Plaisant, entre eles. Foi uma equipe, num determinado momento histórico, muito boa, a que, então, compunha o quadro redatorial da Gazeta do Povo. Num momento em que se fazia um jornalismo diferente, amadorístico, despreocupado de horário de jornada de trabalho, mas consciente do objetivo social de um jornal. Vivi intensamente todo tipo de experiências humanas de um jornal, que me deram bagagem, para comportamentos em qualquer situação que viesse a enfrentar ao longo da vida. E também, em função da seriedade com que exercia o jornalismo, sempre despreocupado de ganhos extras, refratário à prática com que se faz, às vezes, jornalismo — daqueles ganhos que são forma de comprar ou anular pessoas, comprar ou enxovalhar consciências e os que trabalharam como eu, muitas vezes quase impedidos do exercício da crítica, não a crítica no sentido contundente, nem falacioso, mas de realmente examinar com cuidado os fatos que ocorrem ao nosso redor, sabem a que me refiro, e ajudaram-me a traçar um caminho de seriedade.

A seriedade me levou, em 1959, à Presidência do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Paraná, que funcionava, então, não tanto com as características de um sindicato, tal qual hoje se evidencia, mas como uma associação representativa da categoria. E foi disciplinado o trabalho, diligente o funcionamento ou cumprimento do mandato, levando-me, depois, pela repercussão, à Federação Nacional dos Jornalistas, época em que tive a oportunidade de fazer duas ou três viagens ao exterior, à Europa, a alguns países sul-americanos, com chances muito boas de relacionamentos, fatos que me foram significativos porque me abriram horizontes à consciência, à inteligência, à observação de trabalho de professores, de universidades, de autoridades públicas, de pensadores e escritores, dentre os quais refiro-me a Tristão de Athayde, Pablo Neruda e Cortázar.

Em 1964, evidentemente, num novo momento político e social brasileiro, tudo que representasse qualquer coisa ligada a sindicalismo, sofria conseqüências — e que conseqüências — compreensivas hoje, passados muitos anos, mas incompreendidas naquele momento, porque sempre quaisquer atos de injustiça, conosco ou com outros, sempre chocam as pessoas. Isso também foi para mim um aprendizado de vida, porque me orientou, partindo de um momento de irreflexão e

ponderação, a que eu saiba hoje me situar como homem. Ainda hoje, pela manhã, tive uma experiência neste sentido, quando alguns professores vieram perguntar-me se iria dar aula, face a uma greve não deflagrada e dependendo de procedimento prévio de petição em juízo. Disse-lhes: “Não deixo de ser representante de uma classe, da categoria de professores, mas vou, desde logo, e não decido no escuro, por injunção de alguns outros, por interesses não definidos e que me preocupam”. Não ser instrumento, não ser objeto de uso de qualquer lado, o que tiver de fazer, fazê-lo conscientemente; e hoje eu tenho plena consciência, aproximando-me dos sessenta anos, que conquanto a gente possa freqüentemente ser usada, e até às vezes inconscientemente, deve ter o domínio daquilo que está fazendo, para que se possa fazer bem.

Pois bem! Desculpando-me pela digressão, recomponho o que aconteceu, em 1969. Vencido o tempo da inicial irreflexão, comecei a estudar. Eu tinha lido, fruto de várias incursões pelo que se considerava atividade subversiva em 1965, 66, 67 e 68, historiadores paranaenses, como Ermelino de Leão, que em seus relatórios e apontamentos, referiam-se à existência, no Paraná, em tempos passados, de uma colônia anarquista. Uma das raras experiências anarquistas, em termos de colonização, que se fez em nosso país. Houve três (3) destas experiências: uma aqui, uma em São Paulo e uma em Florianópolis. A que vingou, pelo menos até certo momento, foi a que se fez aqui, a da Colônia Cecília, uma experiência de anarquistas italianos vindos no fim do século passado e que tentaram efetivar, no pensamento de liderança desse grupo, uma experiência política no continente americano.

Conquanto, sabidamente se soubesse que podia fracassar, em face de ser o Brasil, naquele momento, um país imperial, com governo centralizador, mas vindos de uma Itália também com tentativas de unicidade política (com lutas pela unidade política), que sofrera durante alguns anos o fervor das idéias libertárias, inclusive de um Garibaldi que se notabilizara no Brasil, os imigrantes italianos, com aquele espírito aventureiro de Garibaldi e com novas idéias políticas surgentes na Europa, intentaram experimentá-las. E vieram. E eu, então, quase um século depois, comecei o trabalho de relatar o que fora essa experiência. Inicialmente me consultando com alguns estudiosos, mas logo abandonando-os para achar os próprios fatos. Tinha um bom relato, no relatório de Ermelino de Leão, visão oficial, complementada com relatórios dos presidentes de províncias, das secretarias, mas não complementada com análises dos homens que estudassem os fatos não-oficiais, as problemáticas humanas. O entendimento de anarquismo ainda aquele que hoje domina em certos meios menos letrados: tudo que não seja de acordo com práticas habituais, ordeiras, definidas como



ordem anárquica. O princípio filosófico deixado de lado... Então, da distinção preconceituosa, entre o que fosse ideal anarquista e um acontecimento anormal, uma discussão pública terminada em entretanto e que se vulgarizou chamar um buchinho, uma anarquia, isso não me orientou o trabalho, ao revés, feito com zelo, análise crítica, estudo de imigração, colonização, psicologia e sociologia.

Como descobrir se os fatos foram reais, ou frutos de associações de idéias decorrentes de utopias? Recordo que na última reunião do Círculo de Estudos Bandeirantes, o Pe. Penalva afirmou serem três elementos os fundamentos básicos para o estudo da história, segundo Lacordaire: que haja uma escritura pública, que haja uma escritura documentando, que haja textos públicos, e, também um enredo, um encadeamento de fatos, que, pela somatória destes, possa configurar a existência de fatos históricos. Com isso, o conferencista intentava provar a existência de Jesus Cristo.

Ao tempo em que eu iniciava o estudo da experiência anarquista no Paraná, encontrava muitos caminhos que poderiam levar-me a um vazio, a um relato falso, porque se confundia um episódio de 1889, com fatos que ocorreram em Curitiba, em 1910 ou 1920, em que qualquer registro irregular de jornal, um incidente que ensejou nota policial, a imprensa rotulava como atribuída a um anarquista. Tinha, pois, de escolher e selecionar com muito cuidado os acontecimentos. A sorte favoreceu-me a descoberta da causa. Férias em Santos, com minha família, levou-me ao Arquivo Marítimo do Porto de Santos, onde algumas confrontações de nomes e de datas, deram-me o fio inicial da meada.

Tudo começou assim: funcionário categorizado do Arquivo, querendo mostrar eficiência de seus arquivos, redargüiu-me a comentário que eu fizera:

— Quer testar o funcionamento do arquivo? Dê um nome de navio ou de imigrante que tenha chegado no fim do século passado.

— Previtali, Artur Previtali.

Manuseou o fichário, apresentou-me uma ficha: chegou em 1889, desceu do navio "Rei Humberto". Se deslocou para o Paraná, acompanhado pela família".

— Por obséquio, quando aportou o navio? A resposta, eu tive o começo de toda a história da chegada dos anarquistas, as pessoas que desceram daquele navio, o agrupamento humano todo, para onde se dirigiu. Evidentemente, depois, foi trabalho disciplinado, pesquisa sobre pesquisa, acareação sobre acareação, trabalho lento, mas de historicidade, em que as eliminações se faziam em razão de alguns fracassos de acareações, mas onde os dados positivos se foram adensando, crescendo. Algumas viagens ao interior de Palmeira, a consulta a velhos do-

documentos oficiais em depósitos de livros da Municipalidade de Palmeira, com todas as dificuldades decorrentes de processos e papéis de mais de setenta anos, em nossas instituições. Um parêntesis. É muito importante que o Círculo de Estudos Bandeirantes esteja hoje refazendo todo seu patrimônio, porque senão, daqui a pouco, teremos perdido parte de um todo, porque não temos o hábito que o europeu, que o americano têm, de manter as instituições culturais com vida. Porque ainda grassa por aí uma tendência, que, graças a Deus, vai desaparecendo, de transformar depósitos de livros e de documentos sem imediata utilização, em lixeiras, de caixas mal empilhadas e objetos inservíveis, aonde livros acumulados de poeira não têm o tratamento que deveriam ter.

Fiz todos os estudos que a metodologia recomendava e publiquei o livro em 1969.

A publicação foi bem aceita. E tanto que, à visita de Jean Louis Comolli, cineasta francês responsável por "Les Cahiers du Cinema", o editor Ênio Silveira, num almoço com ele, ao interesse do intelectual por alguns temas brasileiros, sugeriu-me levasse o tema de meu livro e o de Maurício Vinhas de Queirós, um estudo sobre o Contestado e seu messianismo. Os dois livros foram levados à Europa e o cineasta, num consórcio franco-italiano, transformou num filme — Colônia Cecília — o livro, exibido em nosso país apenas no círculo diplomático, apresentado pela Embaixada da França, em Brasília. Recebi notícias desse filme por intermédio de dois professores brasileiros que estiveram fazendo pós-graduação em Paris. De um desses educadores, a informação de que houve respeito ao autor, na referência que o filme faz e o comentário crítico de que, não obstante a geografia física não se parecesse com a nossa, mas de um possível local do Pacífico, os fatos sociais e políticos guardaram identidade com os do livro. Quanto ao mais, do ponto de vista do atendimento ao que o livro como enredo estabeleceu, é correto. Já não ocorreu a mesma coisa, quando levado ao Teatro Guaíra, nos festejos de seu centenário. A quase opereta de italianos, principalmente de mulheres italianas, a cantarem em clareira de mata brasileira, sem absorverem a ordem e a divisão de trabalho, sem atentarem para os fatores econômicos e tão só em entonações e slogans anárquicos, prejudicou a verdade dos fatos, conquanto bonitas as músicas e a roupagem.

Agora, a TV Cultura Canal dois, ensaiou durante um mês e meio, uma minissérie, deslocando elenco para o interior da Palmeira. Dizem os que a viram que foi bem lançada. Não é o meu trabalho de todo, não obstante tenha contribuído com doação de livros e concedido entrevistas aos organizadores. Por sinal, nenhuma referência fizeram sobre isso.

O que tentei fazer, na verdade, no primeiro momento, foi uma rebelião, logo transformada em pesquisa séria, pela profusão de dados da temática.

Para se entender essa experiência política tem que se ver o que era o Brasil, o que era a Europa, nos idos de 1880. Feita no Brasil em 1889, vingando até 1896, a partir de cujo ano começou a ocorrer a dispersão de colonos, uns por falta de comunicação intensa — pessoas de inteligência e que precisavam convívio de idéias em cidades maiores — outras por interesses imediatos, a colônia tem de ser estudada em face daquilo que dela ficou, pois da geografia física nada mais resta. Entretanto, mesmo isso, tem de ser muito perquirido, uma vez que os homens, ao longo de sua trajetória bio-psicológica, passam por transformações, incoerências que são justificáveis no espírito humano, ou vidas incoerentes muitas vezes não justificáveis, podiam levar o investigador a erros, induzir o estudioso a distorções, às vezes uma incoerência significando inteligência de ter uma outra visão num tempo diferente, num momento diferente, pode fornecer subsídios diferenciados. Essas incoerências sobre idéias políticas ocorreram muito na guerra de 1914-1918, quando o sentido nacional da afirmação das coisas nacionais levou o italiano, já radicado no Brasil, a não querer ser confundido com aquele italiano anarquista, posição que é reflexo das atitudes que os países tomaram. Isso é, ainda hoje, muito visível, principalmente nestes dias, tomados de exacerbados ideologismos. Quem já viu uma família alemã traumatizada com a queima de livros científicos, sob a suspeição intolerante de que pudessem ser obras político-ideológicas, sabe a que me refiro...

Por isso, meu livro teria de ser sério, implicaria em ter, o autor, a confiabilidade plena dos que dessem documentos e depoimentos. O mais difícil foi descobrir os paradeiros dos que sumiram do ambiente da experimentação. Foi o caso de localizar Gigi Damiani, ir ao encontro da vida de Geovanni Rossi, acompanhar Gattai, em suas peripécias por São Paulo, ver e sentir os que ficaram nas imediações, os Mezadri, os Agottani, os Códega, os que foram procurando outras comunidades, como Ponta Grossa, Curitiba, e, entender em extensão, a dispersão ocorrida, notadamente a partir dos reflexos da revolução federalista de 1894, o apelo dos engenheiros italianos que se compunham na estrada de ferro, no que constitui a antiga estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, depois Rede de Viação Paraná - Santa Catarina e hoje R.F.F.S.A., que procuravam assentar nas funções ferroviárias os compatriotas. Foi assim que se dispersaram os Crollanti e outros. Ainda alguns, em pequenas fabriquetas, hoje grandes fábricas, como os Cini. Dentre eles, alguns que faziam proselitismo, com seu fervor anarquista e outros que simplesmente ouviam, como acontece em qualquer arregi-

mentação humana.

Os intelectuais do grupo tiveram vínculos profundos com a filosofia anarquista, tal se apresentava na Europa. E que filosofia era esta? Compreendia-se o anarquismo, então em seu nascedouro, como a doutrina política que preconiza a abolição do Estado, pondo em substituição ao próprio Estado a associação livre do cidadão. Entendia-se que o Estado desfigurava o próprio trabalho da cidadania no momento em que o Estado Total, ainda que nos governos muito representativos, sempre tinha e tem tendência a anular o sentido da liberdade humana. Mas, na verdade, a corrente filosófica fragmentou-se em variadas concepções sobre o anarquismo, conforme seu pragmatismo praticado por um ou por outro pensador. Bakunin, que é considerado pai do anarquismo, evidentemente se representou muito bem, não com os ideais da Colônia Cecília, mas com o momento atual da vida brasileira, revolucionário, pregador do terrorismo, da prática insidiosa de atos todos para a afirmação do que constituiria o anarquismo. Mata-se, assalta-se banco, promove-se greve antes do próprio diálogo e ao final pretendia-se a paz, a felicidade, com a supressão do Estado e abolição de preconceitos mantidos pelos cidadãos no Estado. Não respondeu à interrogação: o que fazer com o caos?

Bakunin, sabem os senhores, foi mais do que pensador, um homem prático: pensador e político. Russo, nascido em 1814, viveu até 1876, a vida toda entremeadada de muita luta, de ideais também revolucionários, um homem que teve perseguições desenfreadas pelo interior da Rússia Czarista, culminadas em sua fuga para a França, onde viveu, em Paris, de 1842 a 1847. Participou de todos os movimentos que eclodiram nas barricadas de 1848, em plena Paris. Conheceu, nessa ocasião, Marx e a Engels. Logo depois, rompeu com Marx, porque enquanto este firmava o princípio do cientificismo histórico do Estado dominante, com modificações nas relações de produção, Bakunin centrava-se na destruição do Estado, com a concepção filosófica do anarquismo que abolia o Estado.

Da injunção dessas novas posições políticas, voltou à Rússia, em 1848, onde foi preso e conduzido à Sibéria, de onde se evadiu, voltando à França, depois à Suíça e à Itália, onde formou o primeiro partido anarquista, com influências aos colonos italianos, mas notadamente, no espírito de Malatesta.

O interessante é notar a similitude entre o comportamento político dele — Bakunin — com o que teve, em nosso século, a ação de Trotski. Quem leu a obra de Isaac Deutscher sobre Trotski, vai ver que este também se serve, no exterior de seu país, em Zurique, e em Bérgamo, para o centro irradiador de suas idéias. E vai ver também, quanto suas idéias se afastam da Rússia retrógrada, tanto quanto o realismo

de Tolstói — expendidos em seus livros, mostram, e "Guerra e Paz" é um exemplo, o divórcio dos russos czaristas a um tempo das tropas de Napoleão e ao mesmo tempo da forma tradicional e convencional de se rebelar, pois quem na verdade fez toda aquela luta de incendiar Moscou e permitir que tropas napoleônicas ficassem sem víveres, enfrentando o rigoroso inverno, foi exatamente aquele grupo que idealizou a Bakunin o terrorismo revolucionário, como base da criação de seu ideal filosófico.

Por sua vez, Proudhomme, vivendo fora do mundo eminentemente orientalista, nem do ocidentalismo eslavo de Bakunin, aceitando o ideal anarquista, não viu no terrorismo a forma de afirmá-lo. E vamos ver que Proudhomme vai influenciar Sorel, que no anarquismo-sindical, vai preconizar, através de greves gerais, a mudança do Estado Total. Aliás, o pensador Sorel haveria de influenciar muito a técnica com que hoje, no Brasil, se intenta a conquista do poder. Na Itália, o anarquismo no plano jurídico faria que Malatesta, nos fins dos anos oitenta do século passado, estimulasse a reformulação conservadora e legalista do direito. A criação da felicidade, do bem-estar, da paz, como criação corolária da modificação institucional das leis.

Pois bem, esses pensadores constituíram leituras de Giovanni Rossi, em sua juventude na Itália. E o que era o norte da Itália, em 1880? A luta pela unidade política italiana estava em pauta. Pouco antes de-ra-se no Brasil, a aventura idealista de Garibaldi e aquilo, aliado ao sentido das lutas garibaldinas na própria Itália, enchia a imaginação dos moços. Já então, Cavour experimentava idéias para a unidade política, num país com recessão econômica, premido pelas reformulações capitalistas em nações irmãs, como Alemanha, Inglaterra, Holanda e França, com a evidência do desemprego em cidades configuradas ainda como medievais, o florentino dizendo-se florentino e pouco italiano, o romano mais romano do que italiano, Pisa, a maior cidade do mundo e não querendo apenas ser mais uma na Itália, e assim por diante. Daí se vê como era conturbada toda a península, como o país se degladiava com seu atraso, como seus empórios comerciais sofriam as vicissitudes da falta de unidade política, num mundo que não era mais o da Idade Média.

Naquele momento histórico, muito moço, muitas pessoas, atingidas na Itália pelas crises de toda natureza, da mesma forma que hoje muitos brasileiros estão saindo do Brasil, muito moço que se revolta com as primeiras dificuldades e que pensa poder encontrar nos Estados Unidos ou na Europa, o meio de se afirmar, também assim, isso ocorreu na Itália, no período de 1870 a 1890, muita gente querendo intentar melhores condições de vida no novo mundo. Era em Milão, centro cultural de importância, aonde se faziam todas as reivindicações,

aonde os doutrinadores acenavam com teorias e ideais para afirmação pragmática, aonde os anarquistas propagavam seu ideário, inclusive os pensamentos de Bakunin, de Proudhomme, de Sorel e de Malatesta. E isso era dito, repetido e ouvido na chamada "praça do povo", em Milão, os "meetings" feitos defronte ao Scala. E, dentre os ouvintes, impregnando-se das novas idéias, estava Giovanni Rossi. Mas, qual a ligação disso tudo com o Brasil?

Primeiro, a experiência num passado mais ou menos próximo, das aventuras de Garibaldi, em terras brasileiras. Segundo, porque Rossi era sobrinho de Lauro Rossi — maestro —, colega de Carlos Gomes, no Teatro Scala de Milão, a falar, a compor, a dizer coisas saudáveis e esperançosas de seu país. As idéias sobre o Brasil nasciam na cabeça de Rossi. Ora, cada vez que o Imperador Pedro II viajava à Europa, chegava a Milão, era um acontecimento para os brasileiros que estudavam música, como Maestro Araújo, Maestro Carlos Gomes e aos italianos afeitos às lides culturais. Então, Giovanni Rossi tentou aproximar-se do Imperador, em uma destas viagens. Mas isso não ocorreu, porque na viagem de 1888, D. Pedro II chegou a Milão muito doente e sumamente preocupado com o clima político-social do Brasil, em vias de libertação do negro. O extenuante estado de saúde do Imperador determinou a suspensão de audiências, e, assim, Rossi deixou-lhe carta em mãos do Conselheiro Mota Maia, auxiliar do governante brasileiro, tomando D. Pedro conhecimento dessa carta já em viagem e respondeu-lhe com convite para Giovanni Rossi e grupo de italianos poderem viajar ao Brasil, aonde intentariam a experiência no Paraná, compensando-se de ruínosa experiência colonizadora de russo-alemães, em terras dos campos gerais, aonde se lhes destinaram terras pouco apropriadas ao plantio do trigo, fazendo que muitos deles retornassem à Alemanha. Disso resultava que, havendo certa dificuldade para o governo imperial ter novos colonos para imigrarem ao Brasil, porque os oferecimentos de vantagens eram melhores para Estados Unidos, Argentina e Canadá, resolvia-se maquiavêlicamente o problema, com solução agradável ao Imperador e ao próprio rei Humberto, da Itália, que se livrava de algumas pessoas que mantinham turbulência no norte da Itália, em crise de emprego e de trabalho e tentava-se uma experiência em nação imperial e amiga, que precisava de imigrantes para substituir o que daqui a pouco desapareceria, ou seja, o braço escravo negro.

Então, vieram os imigrantes: Giovanni Rossi, Dino Colli, Primo Crollanti, Francesco Paula, Mário Cappellari, Egécio Cini, Alexandre Nannoni, Cúrcio Corsi, Gigi Damiani, eu cataloguei cento e vinte pessoas, o livro aponta isso, no capítulo denominado "Arregimentação", com grupo de trinta e cinco — não achei importante na ocasião em que o escrevi, fazê-lo calhamaçudo, sacrifiquei a história em proveito do

estilo. Peço perdão aos estudiosos de história, mas os que gostam de literatura descobrem muito, no todo do livro, mais o vitrinista, com sua preocupação pela boa apresentação estilística, do que o historiógrafo, com o peso da precisa informação. O peso leve e justo sempre foi o segredo do estilista, mas a ruína da obra histórica.

E de onde vieram? Como vieram? O depoimento de um cidadão Mezadri, cerne dessa família Mezadri, que temos espalhada por aqui, em Curitiba, em Porto Amazonas e em Palmeira, hoje uma família grande, indica como tendo vindo no navio "Citá de Roma". Um navio de natureza postal, que sempre fazia o percurso Nápoles — Santos, mas isto não é positivado... O que verifiquei é que o grupo humano — o primeiro — veio no dia 20 de fevereiro de 1890, saindo de Nápoles, chegando em abril no Brasil. O segundo grupo, saindo da Itália em 15 de novembro de 1890, chegou em janeiro no Brasil. Este segundo grupo procede de Parma, da cidade de Cisa, da vila de Torricelli. Os dois grupos destinaram-se à Colônia Cecília.

Chegaram. Evidentemente, decepcionados. D. Pedro II não estava mais no governo. Estávamos em plena República, as promessas de terra medida e agrimensores para prover todas as áreas, uma balela, as dificuldades múltiplas, todas inclusive as que apontei no capítulo primeiro de meu livro, o cansaço da viagem, o transporte feito em carrocinha típica italiana e as melhores terras já ocupadas pelos latifúndios.

De onde vieram? Quase todos os imigrantes da mesma região, de Bréscia, de Milão, de Verona, de Crémona, de Parma, unidos naquela facilidade com que Milão, em todos os tempos, como centro microgeográfico atraía as populações das povoações vizinhas, no fim do século passado. Se ainda hoje é assim, o centro maior, com suas grandes praças, é o ponto das feiras das povoações menores, para comerciar, vender, comprar, fazer negócios e conversar, foi dali que se irradiou a idéia da expedição imigratória do anarquismo que, para Santos e dali para as terras que lhes foram destinadas, para fazer seu núcleo. Do que constituía o grupo? Todos eram anarquistas? Nem todos, mas tiveram de unir-se, como autodefesa, necessidade de trabalharem em conjunto, arregimentados, senão morreriam de fome, sem sementes para plantar, sem o conhecimento da pátria para a qual imigraram, o trabalho alicerçado em lavoura de sustentação: milho, trigo e hortaliças; em pouco, aceitaram trabalhar em estrada que se construía nas imediações da Colônia Cecília, ligando Palmeira à Serrinha, a caminho de Porto Amazonas, em ponto próximo àquele em que logo depois se travaram entreveros culminados no Cerco da Lapa; ali trabalharam, às margens do Manguinhos, em pequeno riacho, na localidade chamada Palmira, no trecho de Palmeira até Santa Bárbara, aonde ficavam os colonos poloneses. Era a política de colonização, colocando próximos

italianos e poloneses e interligando-os com brasileiros e, todos, provocando a aculturação com a miscigenação. Mais longe, os russos — alemães na Colônia Papagaios Novos, os ingleses na Colônia Quito, etc. Isso permitiu facilidade nas relações, e estas localidades próximas umas das outras, tinham intercâmbio comercial, como o próprio intercâmbio físico das pessoas, das relações, dos casamentos, etc.

Acho que o ponto alto da pesquisa foi descobrir a correspondência de alguns líderes anarquistas. Conquanto abominassem a figura do chefe, porque o anarquismo pressupõe a destruição do "ducci", o "ducci" para eles não existe, todos são iguais, ninguém é chefe, há sempre o consenso de opiniões, mas é certo, e relato isso no livro, havia necessidade de decidirem, como, por exemplo, quando não sabiam se faziam propriedades individuais ou coletivas.

Alguns deles eram casados e, embora preconizassem o amor livre, entendiam não ficar bem viver numa propriedade coletiva. Rossi lhes disse: "Precisamos de um mínimo de organização e esta organização possibilita que a propriedade seja individual e ao lado dela, a dos solteiros, o barracão coletivo, a que vocês chamam "casa do amor". Fiz estudo criterioso, a respeito. Não tive a preocupação dos aspectos subalternos, senão os que não envergonhassem ou pudessem dar sentido menos dignos a muitas mulheres do núcleo: mulheres que tiveram filhos, que foram companheiras como se casadas fossem e, algumas, que depois se casaram, e que não podem ser reputadas menos idôneas, ainda que aceitassem o postulado do amor livre: amor livre não compreendido como prostituição em grupo, mas livre para significar o caminho para a nova organização da família, sem o Estado, com seus regramentos.

Correspondiam-se, como anarquistas da Basileia e de Zurique, na Suíça, com Brest, com entidades da Itália e da Bélgica. Rossi foi longo. Viveu até 1928, uma vida intensa, narrada em cartas por duas filhas que viveram na Ligúria e que continuaram, depois, relações epistolares com Emmembergo Pellizzetti, cartas a que tive acesso, nos arquivos dos Pellizzetti, em Rio do Sul, Santa Catarina, cheias de informações científicas ligadas à agronomia. Muitas dessas cartas perguntavam o que fora feito das árvores, plantadas em Rio dos Cedros e em Blumenau, muitas delas por ele plantadas, antes de retornar à Itália, em 1908, quando se ligou à Cooperativa de Ligúria e de lá, durante vinte anos, com periodicidade, continuou a mandar produtos químicos necessários à fertilidade das árvores, como sementes de árvores que a Itália obtinha na Indonésia e em outros países com que comerciava. Era, ao lado do estudioso de filosofia, o estudioso da ciência agrônoma. E tinha satisfação em educar. As trinta e cinco cartas que li, todas elas com dificuldade, porque além de manuscritas, o

eram em italiano, com abreviatura da maioria dos produtos químicos, mostraram-se o professor que existia em Giovanni Rossi. Por uma dessas cartas, verifiquei o filósofo e político em que na constância da vida se tornou, mostrando-se azedo com o nascimento e o crescimento do fascismo, na ascensão de Mussolini, porque, como escreveu, "era ainda e sempre fiel filosoficamente a uma diretriz que não é o socialismo, nem o comunismo, mas o anarquismo tal qual concebo, apoiado em Proudhomme e em Bakunin".

Constituíram a propriedade, na Colônia Cecília. Havia, nessa ocasião, os debochados, como Ernesto Feccini (perdoem-me os descendentes), que, numa discussão amarga com Rossi, lhe disse: "Eu sou contra construir casa individual. Esta mulher tem que viver com o marido na casa coletiva. Ninguém vai prejudicá-la... Eu sou contra, porque acho que a propriedade é um roubo".

Com a revolução federalista de 1894, que não se esqueçam os Senhores, teve sua parte culminante no Paraná, com alguns episódios em Curitiba, desfecho bélico no Cerco da Lapa, sem esquecer que a Colônia Cecília distava pouco mais de uma dezena de quilômetros da cidade legendária, aqueles acontecimentos revolucionários foram precedidos de entreveros e aglomerações humanas nos arredores, nos descontentamentos e suspeições políticas nas colônias, tanto que os italianos dispersos tentaram criar um batalhão italo-brasileiro, para lutar em favor dos federalistas; então, houve uma posição dos anarquistas. Colombo Leoni, jornalista italiano, manifestou a intenção da luta dos italianos já dispersos em Curitiba.

Mas, a dispersão se fez presente, com os acenos não revolucionários. Colli, para Ponta Grossa, pelas ofertas de trabalho; Gigi Damiani, para Curitiba, pela necessidade de atuar na imprensa, onde se meteu em memorável polêmica; Gattai foi para São Paulo, onde constituiu, depois, com outros anarquistas, núcleos de luta que no princípio do século tanto conturbaram a capital paulista e que, por seus costumes e procedimentos, se vincularam aos fatos da vida dos italianos de São Paulo. Outros, como Giovanni Rossi, o próprio Gigi Damiani, voltaram à Europa. Esta dispersão que foi dada no centro dificultou que pudéssemos ter tido uma experiência positiva, em termos de existência de uma cidade anarquista, malgrado saibamos que haveria problemas que afetariam a possível existência, pelo entrelaçamento de idéias. Como conciliar, organicamente, num país imperial ao tempo em que receberam a oferta, e, depois, republicano, num republicanismo federativo, com um estrato anarquista, feito de apenas uma colônia? Teriam de ocorrer, se não tivesse havido a dispersão, os choques políticos, e eles redundariam evidentemente naquilo que aconteceu: a destruição, o fim da experiência.

Muitos dos que partiram, vieram para Curitiba e foram formar as bases do sindicalismo. A primeira greve que ocorreu no Paraná foi por eles organizada, a greve dos sapateiros. Havia quatro corporações de sapateiros em Curitiba. Cheguei a conhecer uma casa já transformada, não em sapataria, mas em casa comercial, dos Mugiatti, Achilles Mugiatti, na Rua Riachuelo. E outras corporações, com nomes bem definidos, por mim estudados, fizeram eclodir a primeira greve de que participaram alguns anarquistas, egressos da Colônia Cecília.

Quem veio para Curitiba? Egécio Cini foi um deles. Com a revolução de 1894, foi preso, ficou quarenta dias na Lapa e, quando solto, viveu uma semana na alfaiataria de Aldino Agottani, na Palmeira, e, depois, com algum dinheiro, auxiliado pelos Agottani, transferiu-se para Curitiba. Casado, Egécio Cini constituiu fabriqueta que se tornou a grande indústria Cini, um dos orgulhos desta cidade. Evidentemente, Hugo Cini, seu filho, contou-me muitos destes episódios. Outro foi Arturo Previtali. Outro ainda, Ernesto Feccini, bem como os Códaga, os Romani.

A epidemia de crupe, com caráter geral a vários núcleos coloniais, atingiu também algumas crianças da Colônia Cecília, inclusive as filhas de Giovanni Rossi. A liderança do grupo ficou, pois, bastante desorientada nesse momento, com o abalo emocional sofrido com a morte das jovens, bem como de outros falecimentos. A ocasião, o vigário da Paróquia de Palmeira não quis enterrar as crianças no Cemitério Municipal, tendo sido sepultadas no chamado "cemitério dos renegados". Recebeu Rossi, então, ao tempo que outros iam se dispersando do núcleo, oferta para lecionar no Rio Grande do Sul, na Colônia Taquari. Para lá foi, depois que a maioria dos italianos deixaram a Colônia Cecília.

Em meus estudos, aprendi a analisar psicologicamente os italianos que vivem e viveram no Paraná, a entender seus comportamentos familiares, o apreço pelas artes, a consideração em seus relacionamentos humanos. Compreendi as dimensões religiosas dos grupos, a anti-religiosidade dos anarquistas, ou mesmo, a religiosidade espiritualista de alguns, em confronto com o catolicismo de outras colônias de compatriotas, como me demonstrou o respeitável cidadão De Mio, entendendo também porque um padre, menos tolerante, impediu o sepultamento de mortos no Cemitério Municipal, prática que ocorreu num passado até muito recente e que a democratização racial, religiosa e a sensibilidade humana de nosso povo foi eliminando dos costumes pátrios.

Não dou, com isto, uma visão total do livro, as dificuldades da pesquisa, numa sociedade culturalmente ainda não habituada à guarda de documentos, papéis e refratária a reter na memória oral os

valores que auxiliam os historiadores, os historiógrafos, os sociólogos, os psicólogos sociais às pesquisas. Mas, trouxe o bastante para que os senhores se apercebam de quão agradável me foi realizar essa tarefa e como outras podem ser feitas, por quaisquer outros, dentre estes pacientes e nobres ouvintes.

## ATA DE FUNDAÇÃO DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES - CEB.

Nº 1 - Ata da Sessão ordinária de instalação do Círculo de Estudos Bandeirantes, realizada em 12 de setembro de 1929.

Aos onze dias do mês de setembro de mil novecentos e vinte e nove, nesta Cidade de Curitiba, na sede do Círculo de Estudos Bandeirantes, presentes os conselheiros P. Luís Gonzaga Miele, Dr. Antônio de Paula, Dr. Liguaru Espírito Santo, Dr. Pedro Ribeiro de Macedo, Dr. José de Sá Nunes, Dr. José Loureiro Fernandes, Dr. Waldemiro Teixeira de Freitas e o abaixo assinado, Secretário Geral do Conselho Diretor, às 7 1/2 horas da noite, procedeu-se à chamada dos consócios e pessoas que foram convidadas para assistir à presente reunião. Havendo número legal, declarou o Conselheiro Revmo. Sr. P. Luís Gonzaga Miele aberta a sessão de instalação do Círculo de Estudos Bandeirantes. Depois de esclarecer o resultado dos trabalhos do Círculo, a sua orientação e finalidade a atingir, fez a leitura corroborativa destes esclarecimentos, em longo e minucioso estudo da hora presente e da necessidade imperativa de centralizar e conglobar esforços e valores esparsos, a fim de todos participarem da permuta de ideais e intercâmbio do pensamento orientador das almas que se devem ensejar na escola do caráter inflexível, do dever e das responsabilidades sociais, em face da anarquia reinante no mundo das inteligências. Declarou, após empossada a Diretoria que terá de reger os destinos do Círculo até a

primeira quinta-feira do mês de setembro de mil novecentos e trinta, a qual, atualmente, se compõe dos seguintes membros conselheiros: Conselheiro: Padre Luís Gonzaga Miele; Secretário Geral: Benedicto Nicolau dos Santos; 1º Secretário: Dr. Liguaru Espírito Santo; 1º Tesoureiro: Dr. Bento Munhoz da Rocha Netto; 2º Tesoureiro: Dr. Waldemiro Teixeira de Freitas; 1º Bibliotecário: Dr. José Loureiro Fernandes; 2º Bibliotecário: Dr. Pedro Ribeiro de Macedo. Antes de encerrar a presente sessão de instalação do Círculo de Estudos Bandeirantes, o Conselheiro P. Luís Gonzaga Miele declarou livre a palavra a quem dela quisesse fazer uso. Não havendo quem pedisse a palavra e nenhum assunto mais a tratar, o Conselheiro agradeceu o comparecimento de todos os consócios e pessoas presentes, e declarou, às 8 1/2 horas da noite, encerrada a sessão, do que, para constar, eu, Secretário Geral, lavrei esta Ata que assino com o Revmo. Padre Conselheiro.

a) Luís Gonzaga Miele

Benedicto Nicolau dos Santos

(Livro Nº 1 de Atas do CEB)

## RELAÇÃO DE SÓCIOS DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES

### a) SÓCIOS FUNDADORES:

Nº	NOME	CATEGORIA do Cons.Diretor	
01	Antônio Rodrigues de Paula . . . . .	Fundador do Cons.	Diretor
02	Benedicto Nicolau dos Santos . . . . .	"	"
03	Bento Munhoz da Rocha Netto . . . . .	"	"
04	Carlos de Brito Pereira . . . . .	"	"
05	José de Sá Nunes . . . . .	"	"
06	José Farâni Mansur Guérios . . . . .	"	"
07	José Loureiro Fernandes . . . . .	"	"
08	Liguaru Espírito Santo . . . . .	"	"
09	Luís Gonzaga Miele . . . . .	"	"
10	Pedro Ribeiro de Macedo . . . . .	"	"
11	Rosário Farâni Mansur Guérios . . . . .	"	"
12	Waldemiro Teixeira de Freitas . . . . .	"	"

### b) SÓCIOS ACEITOS DURANTE O 1º ANO DA FUNDAÇÃO

Nº	NOME	DATA DA ACEITAÇÃO
01	Athanásio Sant'Anna . . . . .	02.06.1929
02	João Sanson Boscardin . . . . .	"
03	Orlando Sprengler Lobo . . . . .	"
04	Teófilo Garcez Duarte . . . . .	"

Círculo de Estudos      Curitiba      (3):61-62      dezembro 1989

05	Antônio Rodrigues Paim	09.06.1929
06	Ernâni de Abreu	"
07	Joaquim de Mattos Barreto	"
08	Dagoberto Pusch	16.06.1929
09	P. Juarez Pereira Gomes	"
10	Moacir do Espírito Santo	"
11	Mateus Sanson Boscardin	"
12	Gen. Raul Munhoz	"
13	Alberto da Rocha Lima	23.06.1929
14	Alfredo Vellozo Laporte	"
15	Alceu Albuquerque	07.07.1929
16	Máximo Pinheiro Lima	"
17	Ildefonso Clemente Puppi	14.07.1929
18	Gastão Pereira Cordeiro	"
19	José Merly	"
20	Antônio Chalbaud Biscaia	28.07.1929
21	Aramis Taborda Athayde	15.08.1929
22	João Soriano da Costa (*)	22.08.1929
23	Felisberto Toscano de Britto	29.08.1929
24	César Biscaia	19.09.1929
25	Felipe Vítola	"
26	Elias Karam	"
27	Raul Carvalho	03.10.1929
28	Lauro Esmanhoto	24.10.1929
29	Manuel de Lacerda Pinto	27.03.1930
30	Algacir Munhoz Mäder	"
31	Altamiro Nunes Pereira	"
32	José César de Almeida	"
33	Newton de Sousa e Silva	10.04.1930
34	Humberto Puglielli	"
35	Mário Braga de Abreu	"
36	Hostílio César de Sousa Araújo	19.06.1930
37	Artur Martins Franco	26.06.1930

\* João Soriano da Costa foi o primeiro Bandeirante que morreu na qualidade de Sócio. Sua morte ocorreu aos 09.10.1930.

#### ALGUNS DOS ASSUNTOS TRATADOS PELO CEB DURANTE SEUS DOIS PRIMEIROS ANOS DE ATIVIDADES

1. **Questões Sociais:**  
Pelo bandeirante Dr. Bento Munhoz da Rocha Netto. (Ata de 14.11.1929)
2. **Grafia da palavra Curitiba:**  
Pelo bandeirante Dr. José Sá Nunes. (Ata de 28.11.1929)
3. **Sistema Pedagógico das Escolas Ave-Maria:**  
Pelo bandeirante Padre Luís Gonzaga Miele. (Ata de 19.12.1929)
4. **Sonometria Musical:**  
Pelo bandeirante Dr. Benedicto Nicolau dos Santos. (Ata de 06.02.1930)
5. **O Direito e a Moral:**  
Pelo bandeirante Dr. Pedro Ribeiro de Macedo. (Ata de 20.02.1930)
6. **Pictografia e Inscrições Indígenas do Brasil:**  
Pelo bandeirante Dr. Rosário Farâni Mansur Guérios. (Ata de 27.02.1930)
7. **Milagres de Lourdes:**  
Pelo bandeirante Dr. Waldemiro Teixeira de Freitas. (Ata de 03.04.1930)
8. **A Imoralidade e o Estado:**  
Pelo bandeirante Dr. José Farâni Mansur Guérios. (Ata de 26.06.1930)
9. **A Paz:**  
Pelo bandeirante General Raul Munhoz. (Ata de 10.07.1930)



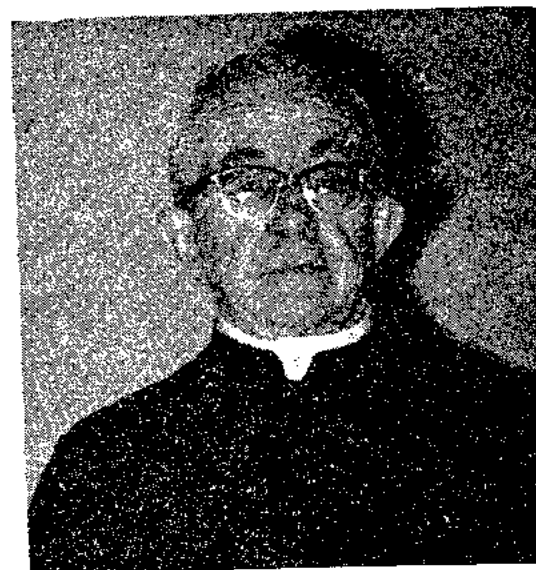
10. **Estudo:**  
Pelo bandeirante Dr. Liguaru Espírito Santo. (Ata de 14.08.1930)
11. **As Forças Distruidoras da Pátria:**  
Pelo bandeirante Dr. Bento Munhoz da Rocha Netto. (Ata de 21.09.1930)
12. **Orografia do Estado do Paraná:**  
Pelo bandeirante Dr. Altamiro Nunes Pereira. (Ata de 25.09.1930)
13. **A unidade da espécie humana:**  
Pelo bandeirante Dr. José Loureiro Fernandes. (Ata de 06.11.1930)
14. **A Língua como fator da unidade Política:**  
Pelo bandeirante Dr. Homero Baptista de Barros. (Ata de 13.11.1930)
15. **Filosofia do Direito:**  
Pelo bandeirante Dr. José César de Almeida. (Ata de 20.11.1930)
16. **O Ensino Religioso nas Escolas:**  
Pelo bandeirante P. Luís Gonzaga Miele. (Ata de 29.01.1931)
17. **Honra à Natureza:**  
Pelo bandeirante Dr. Algacir Munhoz Mäder. (Ata de 12.02.1931)
18. **O Esperanto:**  
Pelo bandeirante Dr. Waldemiro Teixeira de Freitas. (Ata de 26.02.1931)
19. **Eugenia e seus problemas sociais e individuais sobre o matrimônio:**  
Pelo bandeirante General Raul Munhoz. (Ata de 16.04.1931)
20. **Serviço de Proteção aos Índios:**  
Pelo bandeirante Dr. José Loureiro Fernandes. (Ata de 07.05.1931)
21. **Cinema Falado:**  
Pelo bandeirante Dr. Ildefonso Clemente Puppi. (Ata de 14.05.1931)
22. **A Educação Sexual:**  
Pelo bandeirante Dr. Mário Braga de Abreu. (Ata de 21.05.1931)
23. **O Divórcio e o Suicídio:**  
Pelo bandeirante Dr. José Nascimento de Almeida Prado. (Ata de 18.06.1931)
24. **O Comunismo Russo:**  
Pelo Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker. (Ata de 04.06.1931)
25. **Folclore e Tradição Sul-paulista:**  
Pelo bandeirante Dr. José Nascimento de Almeida Prado. (Ata de 11.06.1931)

26. **79 Centenário da morte de S. Antônio de Pádua:**  
Pelo bandeirante Dr. Pedro Ribeiro de Macedo. (Ata de 26.06.1931)
27. **A Questão Social face à Encíclica "Rerum Novarum":**  
Pelo bandeirante Dr. Liguaru Espírito Santo. (Ata de 06.08.1931)
28. **"História de S. Catarina", de Lucas Boiteux:**  
Pelo bandeirante Dr. Rosário Farâni Mansur Guérios. (Ata de 13.08.1931)
29. **Da Justiça e do Juiz:**  
Pelo bandeirante Dr. Antônio de Paula. (Ata de 20.08.1931)
30. **A Época dos Ditadores:**  
Pelo bandeirante Dr. José Farâni Mansur Guérios. (Ata de 27.08.1931)
31. **A Missão da Imprensa:**  
Pelo bandeirante P. Luís Gonzaga Miele. (Ata de 10.09.1931)

\* \* \* \*

#### LEGIÃO DA BOA IMPRENSA DO PARANÁ

Fundada no dia 12 de março de 1931, pelo Rev. do P. Luís Gonzaga Miele, sob os auspícios do Círculo de Estudos Bandeirantes, com o propósito de "fazer bom combate pelas idéias sãs e pela boa causa de Deus, da Pátria e da Família Cristã". (Ata de 12.03.1931)



Mons. Luís Gonzaga Miele

\* 31.05.1893

† 10.05.1976

FUNDADOR DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES

### BREVES DADOS BIOGRÁFICOS DE MONS. LUÍS GONZAGA MIELE

Natural de São Bernardo do Campo (Estado de São Paulo), onde nasceu a 31 de maio de 1893. Seus pais foram Ângelo Miele e Maria Scopel Miele, ambos imigrantes italianos, casados em São Bernardo do Campo.

Na sua juventude, depois de ter feito os estudos primários em sua terra natal, sentindo-se vocacionado para o sacerdócio, encaminhou-se para o Seminário Menor de Pirapora, onde estudou humanidades.

Concluído o curso secundário, ingressou na Congregação da Missão de São Vicente de Paulo (Padres Lazaristas), indo para Petrópolis iniciar o noviciado. De lá, foi enviado à França e concluiu a sua formação filosófica e teológica, em Dax e Paris, sendo ordenado presbítero no dia 20 de março de 1920.

Nesse mesmo ano, retornou ao Brasil, sendo destinado à comuni-

dade lazarista do Ginásio Paranaense, em Curitiba, onde foi professor, secretário e vice-reitor. Ainda, em Curitiba, desenvolveu intenso apostolado entre os intelectuais, fundando, em 1929, o Círculo de Estudos Bandeirantes. Auxiliou também na pregação das "missões dos padres lazaristas", tendo acompanhado várias equipes de missionários que percorreram muitas paróquias deste Estado e mesmo de outras cidades do Sul do país. Muito estimado como pregador e conferencista, exerceu zelosamente este múnus, até que, tornando-se surdo em consequência de um acidente de trânsito, foi chamado por Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, para trabalhar na Cúria Metropolitana de São Paulo, em 1934.

Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, segundo arcebispo metropolitano de São Paulo, em 1940, o chamou para residir no antigo Palácio Arquiepiscopal São Luís (na Consolação), confiando-lhe o encargo de Secretário para correspondência e pedindo-lhe para organizar a seção de Estatística Religiosa da Cúria Metropolitana.

Com Mons. Sílvio de Moraes Mattos e Mons. José Maria Monteiro, cuidou da mudança da sede residencial dos arcebispos paulopolitanos para o Palácio Pio XII, bairro do Paraíso, que, depois da morte de Dom José Gaspar, foi inaugurado pelo Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta.

Mons. Luís Gonzaga Miele continuou a serviço dos vários arcebispos paulopolitanos, Cardeal Motta, Cardeal Rossi e Cardeal Arns, até julho de 1973, quando, sentindo-se já envelhecido e com as forças físicas desgastadas, preferiu transferir-se para a casa de seus familiares, em São Bernardo do Campo, onde veio a falecer, na madrugada do dia 10 de maio de 1976. Conforme sua vontade, foi sepultado na Capela da Irmandade de São Pedro, no Cemitério do Santíssimo Sacramento, capital paulista.



Homenagem ao fundador do CEB P. Luís Gonzaga Miele  
12.09.1945



Dr. Liguaru Espírito Santo, sócio fundador, discursando, por ocasião da inauguração da Sala P. Luís Gonzaga Miele, no dia 12.09.1945.

### FINIS CORONAT OPUS \*

Por ocasião da passagem do 60º aniversário do Círculo de Estudos Bandeirantes, fundado a 12 de setembro de 1929, achamos que cabe divulgar o desempenho da Coordenação de Educação Moral e Cívica do Paraná – COMOCI-PR. Órgão público, que teve sua origem através da Resolução nº 191, de 28/01/1974, da Secretaria de Estado da Educação, atuou, até sua extinção, altruística, séria e patrioticamente, com o irrestrito apoio do Círculo de Estudos Bandeirantes.

Pela Resolução nº 1959, de 10/05/1974, da Secretaria de Estado da Educação, foram colocados à disposição da Coordenação de Educação Moral e Cívica do Paraná os professores Sebastião Ferrarini, Francisco Filipak, Adalberto Américo Pietruza Walger, todos sócios do Círculo de Estudos Bandeirantes.

A Coordenação de Educação Moral e Cívica do Paraná, instituída pelo Decreto Estadual nº 493, de 19/5/75, com base no Decreto-Lei federal nº 869, de 12/9/69, que “dispõe sobre a inclusão obrigatória da Educação Moral e Cívica nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País”, agradeceu ao Círculo de Estudos Bandeirantes a ponto de acolher em sua sede na Rua XV de Novembro, 1050, Curitiba.

\* Dos Relatórios de 1974/87 da Coordenação de Educação Moral e Cívica do Paraná enviados à Comissão Nacional de Moral e Civismo (MEC) e Secretaria de Estado da Educação do Paraná, cujos originais incorporaram-se ao acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.

No início de agosto de 1974, o Prof. Dr. José Loureiro Fernandes, um dos fundadores e Presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes, recebeu em sua residência, na Rua José Loureiro, os três membros da COMOCI-PR, designados pela Resolução nº 191, e ofereceu aos mesmos duas salas da sede do Círculo de Estudos Bandeirantes, com a aquiescência da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, para desenvolverem ali suas atividades, já que o Círculo de Estudos Bandeirantes comungava dos mesmos princípios e ideais da COMOCI-PR.

Com base no ofício COMOCI-PR nº 400/74, de 13/8/74, a transferência ocorreu no dia 15/8/74, data consagrada à Assunção de Nossa Senhora.

Foram, também, membros da COMOCI-PR os seguintes professores: Severiano Bittencourt, designado pela Resolução SEC nº 486, de 10/7/75; Maria da Luz Clotilde Cunha Filipak, pela Resolução SEED nº 1400, de 13/8/79; Gotardo Angelo Gerum, pela Resolução SEED nº 4173, de 05/11/81; Doroti Maria Gerum, pela Portaria da SEED nº 2051, de 01/9/83 e Jayme Ferreira Bueno, pela Resolução da SEED nº 3718/84, de 24/5/84, todos sócios do CEB e da Diretoria do mesmo.

O Governo do Estado do Paraná extinguiu a COMOCI-PR pelo Decreto nº 10.001, de 05/2/1987, baseado no Decreto Federal nº 93.613, de 21/11/86, que, por sua vez, extinguiu a Comissão Nacional de Moral e Civismo (MEC).

A Coordenação de Educação Moral e Cívica do Paraná, com base nos princípios contidos no Decreto-Lei nº 869, de 12/09/1969, e nas finalidades estabelecidas no Decreto Estadual, que a oficializou no Paraná, adotou o seguinte lema, aprovado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, aos 22/06/1977 (Ata nº 1099):

- C onsagrar a Pessoa, a Família e a Pátria a Deus.
- O bservar as Leis Divinas, as da Natureza e as do País.
- M ilitar pela preservação da Ordem e Princípios Democráticos.
- O nde quer que esteja, devotar respeito aos Símbolos Nacionais.
- C ultivar o valor às Tradições e aos Vultos de Nossa História.
- I nfundir, pelo exemplo, amor ao trabalho, estudo, esporte e oração.

P ara que a paz reine no Estado do Paraná e na  
R epública Federativa do Brasil.

“Finis coronat opus”. Realmente, “o fim coroa a obra.”

Entre a COMOCI-PR e o CEB a afinidade foi estreita, facilitando a reciprocidade no cumprimento de programas culturais, de pesquisa, editoriais e divulgação.

Muitos estudantes puderam enriquecer sua cultura, motivados pela divulgação, através da COMOCI-PR, de diversos assuntos de relevante importância no cenário paranaense, constantes no acervo da biblioteca do CEB.

A nova Diretoria do CEB, a partir de 1974, indiretamente investiu nos trabalhos de estudo e pesquisa da COMOCI-PR, para que a mesma publicasse os seus trabalhos.

Assim sendo, ufanamo-nos ao informar que, nestes quase três lustros de atividades da COMOCI-PR, em conjunto com o CEB, foram publicados 140 títulos de assuntos diversos, em forma de fascículos, variando de 4 a 20 páginas cada um. Encadernados, cronologicamente, resultaram em cinco volumes.

Destas publicações merecem destaque, entre outras, as biografias abaixo relatadas, relacionadas à história do Paraná. Assim a Coordenação de Educação Moral e Cívica do Paraná não só deu pronto e fiel cumprimento às finalidades expressas no artigo 2º do Decreto Estadual nº 493, que a instituiu, como atendeu plenamente ao que dispõe o artigo 1º do Estatuto do Círculo de Estudos Bandeirantes: “Incentivar estudos de interesse nacional por meio de pesquisas, conferências e publicações, estimulando trabalhos referentes à cultura nacional, de modo particular na esfera regional...”:

1. Centenário do Historiador Paranaense Alfredo Romário Martins, natural de Curitiba, Paraná.
2. Centenário de morte de João da Silva Machado, Barão de Antonina, natural de Taquari, Rio Grande do Sul.
3. Prof. Elysio Vianna, natural de Antonina, Paraná, Educador Paranaense, e o Colégio Novo Ateneu.
4. Centenário do Alferes Ângelo Mendes de Almeida Sampaio, natural de Palmeira, Paraná, herói da Campanha de Canudos.
5. Centenário de Lourenço de Sousa, natural de Campo Largo, Paraná, professor e médico paranaense.
6. Centenário de Benjamim Baptista Lins D’Albuquerque, natural de João Pessoa, Paraíba, Magistrado e Professor de Direito na Universidade Federal do Paraná.
7. Centenário de morte do Dr. Antonio Cândido Ferreira de Abreu, primeiro Deputado que representou a Província do Paraná.
8. Comendador Dr. Artur Martins Franco, natural de Campo Largo, Paraná. Homem Público, Vicentino, Escritor Paranista e um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes.
9. Prof. Dr. Luís Wolski, natural de Contenda, Paraná. Professor, Pedagogo e Bacharel em Direito, e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, Paraná.

10. Centenário de morte do Padre Albino José da Cruz, Emérito sacerdote Paranaense.

11. Irmão Ruperto Félix, natural de Marechal Mallet, Paraná. Professor de Matemática, Física, Marista, Educador, e a Universidade Católica do Paraná.

12. Centenário de Morte de Euclides Bandeira, natural de Curitiba, Paraná. Poeta e Prosador Paranaense.

13. Centenário do Coronel Zeferino Cândido de Bittencourt, natural de Santiago do Boqueirão, Rio Grande do Sul. Político e erveiteiro paranaense.

14. Coronel Amazonas de Araújo Marcondes, natural de Palmas, Paraná. Pioneiro de Navegação do Rio Iguazu.

15. José Loureiro Fernandes, natural de Curitiba, Paraná. Médico, Professor, Homem Público, Antropólogo, Historiador, Folclorista, um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes, e seu Presidente Perpétuo.

16. Zacarias de Goes e Vasconcelos, natural de Valença, Bahia. Bacharel em Direito, Político, Conselheiro do Império. Foi o 1.º Presidente da Província do Paraná.

17. Centenário de Benedito Nicolau dos Santos, natural de Curitiba, Paraná. Músico, Professor, Homem de Letras e um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes.

18. Centenário de Bento Mossurunga, natural de Castro, Paraná. Músico de projeção nacional. Autor da Música do Hino do Paraná.

19. Coronel Joaquim Antônio de Moraes Sarmiento, Cearense, Patrono da Polícia Militar do Paraná.

20. Pracinhas Paranaenses que tombaram na Itália durante a II Guerra Mundial.

21. Centenário de morte de Adolpho Lamenha Lins, natural de Recife, Pernambuco. Bacharel em Direito e Presidente da Província do Paraná.

22. Centenário do Desembargador Antônio Rodrigues de Paula, natural da Lapa, Paraná. Bacharel em Direito, Professor, Poeta, Dramaturgo, Jurista Paranaense e um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes.

23. Centenário de morte do Dr. João José Pedrosa, natural de Curitiba, Paraná. Bacharel em Direito. Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional de Curitiba, Oficial da Ordem da Rosa. Foi o 1.º Paranaense a ocupar o cargo de Presidente da Província do Paraná.

24. Sesquicentenário de nascimento do Dr. Balbino Cândido da Cunha, natural de S. João del-Rei, Minas Gerais. Médico, Político, Presidente da Província do Paraná.

25. Centenário de Antônio Ferrarini, natural de Mântua, Itália,

naturalizado brasileiro, Industrial e Benemérito da Colônia Presidente Faria, Colombo, Paraná.

26. Centenário do Prof. Lysimaco Ferreira da Costa, natural de Curitiba, Paraná. Engenheiro e Homem Público. Fundador e organizador da Escola Agrônômica do Paraná, Professor da mesma. Secretário da Fazenda e Indústria e Comércio do Estado do Paraná. Educador Emérito, Diretor do Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, Inspetor Geral da Instrução Pública correspondente, hoje, a Secretário da Educação.

27. Sesquicentenário da Designação de Ritta Anna Cácia, 1.ª Mesra das Meninas de Curitiba.

28. Irmão Mário Cristóvão, Marista, natural da França. Fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba, hoje, Universidade Católica do Paraná. Agraciado com as insígnias da "Ordem do Cruzeiro do Sul" do governo brasileiro.

29. Francisco Glicério de Cerqueira Leite, natural de Campinas, São Paulo. Bacharel em Direito, General das 21 Brigadas, Ministro da Agricultura. Historicamente, ligado à "Vila Glicério", hoje, Campina Grande do Sul, Paraná.

30. Sesquicentenário de nascimento do Desembargador Agostinho Ermelino de Leão, natural de Paranaguá, Paraná. Magistrado, Político, Escritor. Vice-Presidente da Província do Paraná, exerceu a Presidência, interinamente, por diversas vezes.

31. Dr. Mário Braga de Abreu, natural da Lapa, Paraná. Professor, Médico, Humanitário, Membro Honorário da Academia Paranaense de Medicina, Membro da Academia Paranaense de Letras, Escritor, Cidadão Benemérito do Paraná. Presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes.

32. Centenário de Amasília Pinto de Araújo, natural de Antonina, Paraná. Professora Benemérita do Paraná.

33. Pracinhas Paranaenses que tombaram na Itália durante os conflitos da II Guerra Mundial.

34. Madre Carmelita Maria, natural de Uberaba, Minas Gerais. Educadora e Irmã Dominicana e o Colégio Nossa Senhora do Rosário de Curitiba, por ocasião do Centenário das Irmãs Dominicanas no Brasil.

35. Sesquicentenário de nascimento de Francisco Antônio Monteiro Tourinho, natural de Imbuí, Rio de Janeiro. Capitão e Engenheiro Militar. Concluiu a Estrada da Graciosa que liga o litoral paranaense ao planalto curitibano: obra do século XIX.

36. Dr. José Pires Braga, natural da Lapa, Paraná. Advogado, Professor e Homem Público. Fundador e Primeiro Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba, hoje, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Presidente Perpétuo do Círculo de Estudos

#### Bandeirantes.

37. Salvador Ferdinando De Ferrante, natural de Curitiba, Paraná. Artista, Pioneiro do Teatro de Amadores do Paraná. Fundador da Sociedade Teatral Renascença. Patrono de um dos auditórios do Teatro Guaíra de Curitiba.

### DO ARQUIVO DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES

O que vem a ser o Círculo de Estudos Bandeirantes?

Por ocasião do transcurso do 60º aniversário de fundação do Círculo de Estudos Bandeirantes, limitamo-nos a transcrever as seguintes afirmações de seus sócios:

● "O Círculo de Estudos Bandeirantes nasceu do desejo e da esperança de trabalhar e sentir, cada vez mais, um Paraná maior. E aqui, ainda, à sombra do silêncio estudioso, longe do bulício das ruas, tal como outrora nas históricas catacumbas de Roma, vai trabalhando, vai caminhando e irá auxiliando o burilar a inteligência moça que surge para o engrandecimento do Paraná de amanhã". (P. Luís Gonzaga Miele, Ata de 03.04.1930)

● "O Círculo de Estudos Bandeirantes é uma verdadeira colmeia de inteligências vigorosas." (Bento Munhoz da Rocha Netto, Ata de 03.04.1930)

● "Uma das finalidades do Círculo de Estudos Bandeirantes, como reza o art. 1º do seu Estatuto, é formar homens de convicção." (Mário Braga de Abreu, Ata de 15.01.1931)

## **NOTICIÁRIO**

### **Jornalista destaca aniversário do CEB**

O Jornalista Jorge Baleeiro de Lacerda, em visita à sede do Círculo de Estudos Bandeirantes, escreveu interessante matéria referente ao 60º aniversário de sua fundação, publicada na Tribuna Municipalista do Sudoeste, no dia 17 de agosto de 1989.

### **Escritura Pública de Tombamento Bilateral**

"Aos 2 de fevereiro de 1989, foi lavrada a Escritura Pública de Tombamento Bilateral, concessão e transferência de incentivo construtivo que entre si fazem o Município de Curitiba e o Círculo de Estudos Bandeirantes. Assinado: Jaime Lerner, Prefeito Municipal, Dr. Eduardo Alberto Marques Virmond, Procurador Judicial da Prefeitura Municipal de Curitiba, e Dr. Euro Brandão, Presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes." (7º Tabelião-Curitiba).

### **Acordo de Intercâmbio Cultural**

Baseado no Expediente de 15.08.89, do Centro de Letras do Paraná, o Conselho Diretor do Círculo de Estudos Bandeirantes celebrou um Acordo de Intercâmbio Cultural com aquela Entidade." (Ata nº 698 de 22.08.89).



**Prestam serviço de assessoramento ao Círculo de Estudos Bandeirantes:**

Rogério Alcides Borba - Assessor Jurídico

Pedro Antônio Bernardi - Jornalista

Vicente Mickosz - Radialista

Eneas Paulo Bogucheski - Técnico de Contabilidade

Kátia Maria Biesek - Secretária Executiva do Reitor

Magali do Rocio Porto - Secretária Executiva da Vice-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento

Regina Célia Moro Rodriguez - Datilógrafa

Fernando Augusto A. Sousa - Fotógrafo

Iolanda Teresinha Pereira de Jesus - Auxiliar de Escritório

EDUCA - Editora Universitária Champagnat

Gerente Administrativo: Luiza Soares

Planejamento Gráfico: Designer Edson Marcus de Freitas

Revisão Gráfica: Prof. Antônio Camilotto

**1989**

Composto e impresso pela  
EDUCA - Editora Universitária Champagnat  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prado Velho  
Cx. Postal 670 - Fone: (041) 223-0922  
CEP 80210 - Curitiba - Paraná - Brasil